
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

SANDRA ROSIMAR PASSOS

**A LITERATURA BRASILEIRA NO PROCESSO DE AMPLIAÇÃO DA
LEITURA DE MUNDO POR JOVENS E ADULTOS EM SALAS DE EJA**



Rio Claro,
2018

SANDRA ROSIMAR PASSOS

A literatura brasileira no processo de ampliação da leitura de mundo por jovens e adultos em salas de EJA

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de licenciada em pedagogia

Rio Claro,
2018

P289I	Passos, Sandra Rosimar A literatura brasileira no processo de ampliação da leitura de mundo por jovens e adultos em salas de EJA / Sandra Rosimar Passos. -- Rio Claro, 2018 60 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro Orientadora: Maria Rosa R. M. de Camargo 1. Educação. 2. Literatura brasileira. 3. Jovens e adultos. 4. Leitura e escrita. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Dedico este trabalho, a todos os meus familiares. Mesmo que não estejam presentes fisicamente, estão sempre em meus pensamentos.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida, por ter me dado animo, energia e destreza na realização deste trabalho, O agradeço principalmente por ter me dado uma mãe incrível e um pai espetacular. Rosely, Amadeus, vocês são minha base, sem vocês não seria nada do que sou hoje. Pai, mãe admiro a garra e a perseverança no qual me criaram. Todo meu amor pertence a vocês.

Agradeço a minha orientadora, Profa. Dra Maria Rosa que me recebeu de braços abertos, acalmou meu ser com sua ternura e me fez enxergar além do que se é possível ver.

Sou grata por ter pessoas tão especiais em minha vida, Andréia, Nilva, e meu namorado, Eric, que em momentos de desespero me incentivaram a continuar, me fortaleceram e fizeram com que acreditassem em mim mesma.

A UNESP por ter me presenteado com amigas incríveis, Adrielle, Jéssica e Giovana, pessoas que fizeram com que essa trajetória fosse mais suave e feliz: vocês sempre estarão em meu coração.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

O meu muito obrigada!

Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos demais, do direito à voz, à participação, à reivindicação do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser. (FREIRE, 2003, p.193)

RESUMO

O trabalho desenvolvido tem como objetivo compreender quais contribuições que textos literários, em especial, a obra da literatura brasileira “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, traz para a educação de jovens e adultos, pessoas em processo de aquisição de leitura e escrita. O delineamento teórico - metodológico da pesquisa deu-se pela busca da compreensão do que vem a ser leitura e escrita para essas pessoas, concomitante à compreensão da potencialidade da literatura para o desenvolvimento das práticas da leitura e escrita como produção da leitura de mundo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, iniciando com reflexões autobiográficas compostas por memórias resgatadas, pela autora. Na sequência, o aprofundamento do estudo elege como fonte material de análise artigos científicos nacionais levantados, disponíveis na base *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, produzidos nos últimos cinco anos. A escolha por obras da literatura brasileira é devida a que, muitas vezes, é dada ênfase a textos com autorias estrangeiras acarretando o esquecimento da diversidade literária do nosso próprio país. Entre as obras da literatura brasileira podem ser encontradas características próprias do povo brasileiro, podendo levar as pessoas jovens e adultas a se identificarem com os personagens dessas narrativas, de modo a ampliar sua leitura do mundo no qual se inserem.

Palavras-chave: Educação. Literatura brasileira. Jovens e adultos. Leitura e escrita.

SUMÁRIO

ALGUMAS PALAVRAS OU POR ONDE SE COMEÇA...	8
PARTE 1.....	11
1 INTRODUÇÃO	11
2 O POR QUE DA IMPORTÂNCIA E A VALORIZAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	15
3 SOBRE A UTILIZAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LEITURA E ESCRITA DE JOVENS E ADULTOS	17
4 DE IMAGEM A IMAGEM. LER O MUNDO E LEITURA DE MUNDO.....	20
5 <i>LENDO</i> GRACILIANO RAMOS	22
6 <i>LENDO VIDAS SECAS</i> . O LIVRO E A FERRAMENTA NA LEITURA DE MUNDO DE JOVENS E ADULTOS	24
PARTE 2.....	32
7 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO. PRODUÇÕES ACERCA DA TEMÁTICA.....	32
7.1 ANTES DAS ANÁLISES... ALGUMAS INFORMAÇÕES.....	34
7.2 indo além... O QUE [ME] DIZEM AS PRODUÇÕES SELECIONADAS?	37
8 ALGUMAS PALAVRAS...UM ASSUNTO INACABADO A SER [RE] <i>LIDO</i>	54
REFERÊNCIAS.....	58

Atula de leitura
(Ricardo Azevedo- 1999)

*A leitura é muito mais
do que decifrar palavras
Quem quiser parar pra ver
pode até se surpreender
vai ler nas folhas do chão
se é outono ou verão;
nas ondas soltas do mar
se é hora de navegar;
e no jeito da pessoa
se trabalha ou se é à-toa
na cara do lutador,
quando está sentindo dor;
vai ler na casa de alguém
o gosto que o dono tem;
e no pelo do cachorro,
se é melhor gritar socorro;
e na cinza da fumaça,
o tamanho da desgraça;
e no tom que sopra o vento,
se corre o barco ou se vai lento;
e também no calor da fruta,
e no cheiro da comida,
e no ronco do motor,
e nos dentes do cavalo,
e na pele da pessoa,
e no brilho do sorriso,
vai ler nas nuvens no céu,
vai ler na palma da mão,
vai ler até nas estrelas,
e no som do coração.
Uma arte que dá medo
é a de ler um olhar,
pois os olhos tem segredos
difíceis de decifrar.*

ALGUMAS PALAVRAS OU POR ONDE SE COMEÇA...

Chamo-me Sandra, sou natural do interior de Minas Gerais, desde cedo soube que teria que batalhar para conquistar meus objetivos, sou de origem humilde, trabalhadora e precocemente percebi que seria através do estudo a única possibilidade de dar uma vida melhor para meus familiares. Nunca me faltou nada, sou filha única e meus pais sempre lutaram para me dar o melhor, cresci em um lar estruturado cheio de amor e compreensão.

Desde a minha meninice sempre fui estudiosa, sempre tirei notas boas na escola e isso sempre foi motivo de muito orgulho para meus pais. Recordo-me de ficar acordada esperando meus pais chegarem da reunião para saber o que os professores haviam falado sobre mim e modéstia à parte, nunca me decepcionei, pois sabia que estava dando o meu melhor.

Meus pais estudaram até a 4^o série, tiveram que abandonar a escola para poderem trabalhar com o propósito de ajudarem no sustento de seus familiares e depois ao constituírem sua própria família (minha mãe com 20 anos e meu pai 25 anos) tinham que se manter e me manter. E assim como em muitas famílias brasileiras, meu pai saiu de seu estado de origem e veio tentar a sorte aqui em São Paulo, deixando minha mãe e eu, entretanto, alguns meses depois, nos também viemos e aqui estamos até hoje.

Minha escolarização aconteceu toda em escola pública e no estado de São Paulo, já que vim morar aqui muito nova. Mas, por que estou falando tudo isso? Falo tudo isso, pois, o trabalho que aqui apresento não surgiu do nada. Surgiu da necessidade de pensar nas subjetividades do próximo, suas vontades que são precarizadas quando se nasce pobre. Logo retornarei a esse ponto.

Meu pai sempre me contava uma história antes de dormir, lembro-me sutilmente que ela se passava em um sítio e que nesse sítio havia uma plantação de cenoura, entretanto, essas cenouras estavam desaparecendo; então o dono do sítio resolve fazer um boneco de cera, deixa-o perto das cenouras e fica de tocaia. Momentos depois chega o coelho, pede uma cenoura ao boneco e nada dele responder, então ele ameaça lhe dar um tapa, e nada do boneco responder. Enfurecido, o coelho dá o prometido tapa, e fica com a mão grudada e assim prossegue até que todo o coelho fique grudado na cera e, por fim, acaba virando uma sopa de coelho. Apesar de não ter um final convencional, o famoso “felizes para sempre”, eu sempre pedia para que

meu pai me contasse essa história, aliás, era a única que ele me contava que, com certeza, fora aprendida por meu avô, passando de pai para filho. Relato tal fato, pois foi assim que tomei gosto pela literatura, ouvindo essa história, exposta oralmente.

Hoje, prestes a concluir minha graduação em Pedagogia, essa história novamente vem à minha lembrança, e a ela relaciono o tema de estudo que escolhi para o Trabalho de Conclusão do Curso.

Durante minha graduação, pouco se abrangeu em relação à educação de jovens e adultos, muito foi visto em relação ao ensino nos anos iniciais e no fundamental, e sempre me mantive inquieta em relação à Educação de Jovens e Adultos – EJA. Agora, como prometido, retorno ao porquê desse trabalho não ter surgido do nada; pressuponho que já tenham ligado os fatos: subjetividade + histórias que se contam + literatura (busca de) + educação de jovens e adultos = “A literatura brasileira no processo de ampliação da leitura de mundo por jovens e adultos em salas de EJA”.

Acreditamos que a leitura, de textos literários, possa potencializar esse fazer, conhecer e aprender, compartilhados.

O texto que apresento organiza-se em duas partes: a PARTE I. Contém meu percurso ao relacionar a potência do texto literário, ou da literatura, na educação de jovens e adultos. Essa PARTE se desdobra em seções nomeadas como: *Introdução*, onde explico os porquês, os objetivos e como a pesquisa foi fundamentada. Na seção seguinte, *O por que da importância e a valorização da literatura brasileira no contexto escolar*, trago alguns conceitos que relacionam-se com a importância e a valorização da literatura brasileira no contexto escolar, e são explicitadas também, algumas considerações sobre a influência da mídia no processo de difusão da literatura brasileira e da necessidade de se trabalhar diversos gêneros textuais em sala de aula. Dando continuidade, a próxima seção chama-se *Sobre a utilização de obras literárias brasileiras como ferramenta no processo de aquisição de leitura e escrita de jovens e adultos* onde abordado, a necessidade da utilização de obras literárias brasileiras em salas de EJA com o intuito de potencializar o processo do ensino da leitura e da escrita. *De imagem a imagem. Ler o mundo e Leitura de mundo* é a próxima seção, onde diferencio o que é “ler o mundo” e o que é a “leitura do mundo”. Sequencialmente, a seção, *Lendo Graciliano Ramos*, trata-se de como foi a vida e a trajetória de Graciliano Ramos. Por fim, *Lendo Vidas Secas. O livro e a ferramenta na leitura de mundo de jovens e adultos* são reportadas algumas

contribuições e a criticidade que a obra *Vidas Secas*, pode acarretar na vida de alunos em salas de EJA.

A PARTE II traz meu percurso de busca do que tem sido produzido concernente à temática do trabalho, qual seja, *Levantamento bibliográfico. Produções acerca da temática* onde relato meu percurso ao selecionar as produções que foram analisadas neste trabalho. Na seção *Antes das análises... algumas informações* exponho os artigos que foram selecionados e apresento algumas informações sobre eles, tais como título, descritor, periódico, autores e ano. Logo depois, da leitura destes artigos, trago as contribuições dos mesmos na seção intitulada *Indo além... o que [me] dizem as produções selecionadas?* Finalizo, na seção *Algumas palavras... um assunto inacabado a ser [re]lido atentamente*, onde explico alguns conceitos dos quais me aproximei ao realizar este trabalho, e sua relevância para com a minha subjetividade.

PARTE I

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema que organiza este trabalho justifica-se, pois, a literatura me fascina, sempre gostei de ler, é um universo mágico com infinitas possibilidades. Pedagogicamente, penso que a literatura é essencial no processo de aquisição de leitura e escrita possibilitando aos alunos trabalharem criatividade, imaginação, comunicação e emoções. Pode ser vista, também, como instrumento facilitador em sala de aula e fonte de prazer, pois o momento da leitura exige interação mútua entre professor e aluno.

Ao pensar na educação de jovens e adultos, percebo que o trabalho com a literatura pode contribuir para o processo de aprendizagem, em especial, da leitura e escrita. Por vezes, o enfoque maior nos cursos de graduação volta-se para áreas educacionais, muito se falando do processo de aprendizagem dos pequenos, ocasionando esquecimento dos jovens e adultos, que também necessitam de estratégias diferenciadas, no que concerne ao envolvimento com a linguagem, na modalidade escrita.

Minha proposta abarca essa preocupação; por isso decidi realizar minha pesquisa acerca da temática, com o intuito de levantar, examinar e explicitar contribuições que a obra da literatura brasileira “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, pode trazer para o processo de aquisição de leitura e escrita entre pessoas jovens e adultas; ao realizá-la, terei a oportunidade de fazer a junção de dois assuntos que me interessam e contribuir academicamente com meus colegas de profissão em formação ou já formados.

Acredito que a valorização da literatura brasileira no processo de aquisição de leitura e escrita faça-se de extrema importância, pois, nós, brasileiros, damos muita ênfase a culturas que estão fora do nosso país e nos esquecemos da nossa própria diversidade cultural e literária.

Ao trabalhar textos literários brasileiros, com jovens e adultos, poderemos abrir possibilidades para que eles se identifiquem com personagens da literatura, já que essas histórias, na maioria das vezes, ocorreram em solos brasileiros. Temos em mente que, ao se identificarem com essas narrativas, conexões com a escrita poderão ser feitas abrindo espaço para as práticas de leitura, uma vez que as

peças envolvidas no processo, poderão se perceber incluídos no contexto literário e social do qual fazem parte. Pode ser uma forma de ampliar sua leitura de mundo.

Os homens, pelo contrário, ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica. (FREIRE, 2014, p. 124).

Na obra “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam” de Paulo Freire (2006), faz menção à “leitura mundo”, que é aquela que se faz mesmo antes de ir à escola, é a interpretação do espaço que nos cerca, e não propriamente da palavra escrita. Portanto, aos jovens e adultos, ao ingressarem na escola, a eles não deve ser negado o direito de *ser*, sem esquecer-se de quem são e de como vivem; assim como não devem romper com a leitura de mundo que possuem, cabendo aos professores valorizar e sistematizar esses conhecimentos a favor de sua educação, pois suas cabeças não são “vazias” e não devem ser “preenchidas” de conteúdos desprovidos de significados.

O adulto analfabeto é em verdade um homem culto no sentido objetivo (não idealista) do conceito de cultura, posto que, se não fosse assim, não poderia sobreviver. Sua instrução formal (alfabetização, escolarização) tem que se fazer sempre partindo da base cultural que possui e que reflita o estado de desconhecimento (material e cultural) da sociedade a qual pertence. (PINTO, 2010, p. 66).

Fica clara a necessidade de o educador estimar os conhecimentos prévios, assim como os conhecimentos culturais e sociais que essas pessoas possuem, uma vez que muitos são trabalhadores que querem melhorar de vida arrumando um novo emprego, jovens que querem tirar a carteira nacional de habilitação e entrar na faculdade, senhores/senhoras que querem aprender a ler para ajudar os netos nas tarefas escolares (dentre outros sonhos), pois, não tiveram a oportunidade de estudarem no tempo previsto na legislação brasileira. Ao ingressarem na Educação de Jovens e Adultos - EJA, os alunos já possuem motivos que, muitas vezes, alimentam sonhos a serem alcançados; da parte do educador, da educadora, fica a possibilidade de que esses planos sejam concretizados e lhes dar subsídios para irem além do que estipularam.

A literatura, por sua vez, pode contribuir para a construção da personalidade dos seres humanos, de um modo de *ser subjetivo*. Nesse sentido, como sujeitos, podem ter, numa obra literária, aportes para se constituírem em sua singularidade e construírem seus próprios conhecimentos.

Nesse sentido, disponibilizar obras literárias, não só para crianças em processo de alfabetização, mas também para todos que almejam ler, escrever e constituírem-se como seres humanos alfabetizados, letrados, seres políticos que são, porque não basta simplesmente ler, é necessário compreender o que se está lendo e empregar significado a essas leituras quando necessário, Soares (2004, p.97) diz que “ [...] é necessário reconhecer que alfabetização –entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita –distingue-se de letramento– entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais [...]”.

Por meio da literatura brasileira, como proposto acima, os alunos terão a oportunidade de se identificarem com as personagens das histórias e, a partir daí, poderão, aos poucos, entender a realidade da qual fazem parte (assim como a dos personagens das narrativas) e *tornarem-se sujeitos críticos*, uma vez que através da leitura poderão interpretar o contexto daqueles personagens, procurar semelhanças e diferenças com suas vivências, e traçar estratégias com vistas a ampliar o olhar ao mundo em que estão inseridos.

Nas nossas sociedades a literatura tem sido instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. (CANDIDO, 2004, p. 175).

Quanto à atuação de um educador, este não deve ter como objetivo tornar seus alunos reprodutores daquilo que lhe convém; deve, sim, fornecer ferramentas para que, por conta própria, eles criem seu próprio entendimento sistematizado do mundo do qual fazem parte, e tornem-se sujeitos críticos.

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondia muito mais o que desvelam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço da leitura do mundo e da palavra. (FREIRE, 2006, p. 30).

Acreditamos que o professor, atuando na EJA, deva estar ciente de que os seus alunos almejam determinados objetivos e, para que isso aconteça, devem reconhecer as vivências desses alunos e prezá-las, pois existe uma partilha no ato de educar, onde ambos terão a oportunidade de aprender uns com os outros, e construir conjuntamente novos conhecimentos. Faz-se necessário que o trabalho entre professor e aluno seja construído continuamente e diariamente e que ambos valorizem o que cada um tem para proporcionar para o outro e para os demais colegas de classe. E a literatura pode ser elemento integrante nessa partilha.

2 O POR QUÊ DA IMPORTÂNCIA E A VALORIZAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA NO CONTEXTO ESCOLAR

Vivemos em uma sociedade onde as pessoas, à primeira vista, em sua maioria, julga o que é de “fora” como melhor, e isso não é diferente em relação à literatura brasileira. Existe um receio e, acredito, que até um certo preconceito, quando se fala de livros e escritores brasileiros. Preconceito porque muitas vezes as pessoas nem conhecem ou leram obras da literatura brasileira e já as julgam negativamente, pois “fulano” falou que leu e não gostou. Posições geradas por opiniões distantes de uma experiência mais efetivamente potencializadora de escolhas.

Determinado texto/livro pode ser lido e de imediato causar estranheza; todavia, existe a possibilidade de ser relido e ressignificado, uma vez que o gosto literário varia muito e julgar se um livro é bom ou não a partir da leitura de outrem é estar perdendo a possibilidade de descobrir o novo, de se aventurar por páginas e páginas de um universo que você mesmo tem (teria) a possibilidade de construir e reconstruir, de acordo com aquilo que você pensa, com suas vivências, ou até mesmo aproximar de outras leituras e criar um novo significado para elas. Apoio-me em Marisa Lajolo, quando afirma que

[...] cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir outro significado deste o significado de todos os textos que leu. E, conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceita-las ou recusá-las, e capaz de sobrepor a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto. Em resumo, o significado de um novo texto afasta, afeta e redimensiona o significado de todos os outros. (LAJOLO, 2004, p. 106).

A literatura brasileira é fonte inesgotável de informações que podem contribuir com a formação de sujeitos críticos e atuantes. Como o foco do trabalho são alunos em salas de EJA, faz-se necessário que essas narrativas tragam conteúdos que façam parte do perfil desse alunato em específico, levando em consideração suas realidades e suas vivências.

Diferentemente dos alunos nos anos iniciais, onde a literatura foca no imaginário do “feliz para sempre”, o belo, sem sofrimento, onde a bondade e o bem estar das personagens sempre são significativos, ao se trabalhar com jovens e

adultos existe a possibilidade de “ir além”, uma vez que esses alunos conseguem distinguir o real do imaginário e já possuem uma visão autêntica sobre o mundo distinta da criança pequena.

É importante destacar que não critico o fato de ler “faz de conta” em salas de EJA e sim ressaltar as diversas possibilidades que os educadores possuem ao atuarem com esses alunos, já que seus olhares estão acostumados com o real, com tragédias, sofrimentos, batalhas e acontecimentos diários, ou seja, já conhecem o mundo do qual fazem parte movimentando o processo de assimilação do que está sendo lido. Tal fato leva a considerar que a literatura possa estar presente, nessas salas, nas mais diversas formas e nos mais diversos gêneros, uma vez que, diferentemente da criança que não consegue de imediato separar a ficção do real, o jovem e o adulto já consegue.

Quando se quer colocar determinado assunto em destaque, o que é feito? O mesmo é colocado em evidência, certo? Infelizmente, a literatura brasileira recebe pouco destaque nas mídias e quando isso acontece, normalmente é porque o escritor (a) morreu, ou porque a obra tornou-se destaque internacional e recebeu algum prêmio. Podemos dizer que pouco se considera, no Brasil, o hábito de se expor, nas mídias, produções literárias brasileiras; o ato de valorizar tais textos é escasso o que, na maioria das vezes, acaba acarretando o esquecimento das mesmas. Se as mídias televisivas, por exemplo, apresentassem mais vezes conteúdos relacionados com os escritos brasileiros, poderia atingir uma parcela maior de indivíduos; aventuro-me a falar que estaria aguçando-os; e como essa atitude normalmente não acontece, cabe à escola proporcionar aos seus alunos livros literários brasileiros para que essa informação se propague.

3 SOBRE A UTILIZAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LEITURA E ESCRITA DE JOVENS E ADULTOS

Vivemos em um mundo onde a escrita está presente socialmente, sendo assim existe a necessidade de que esses símbolos sejam interpretados e entendidos, uma vez que seu objetivo é transmitir uma mensagem, ou seja, vivemos em uma sociedade letrada. A sociedade letrada, da qual fazemos parte, abrange uma ampla dimensão de escritos sejam na forma de palavras ou de desenhos e mesmo antes de entrar na escola a criança já está submersa nesse universo. Seguindo Ferreiro lemos que

[...] A linguagem escrita é um objeto de uso social, com uma existência social (e não apenas escolar). Quando as crianças vivem em um ambiente urbano, encontram escritas por toda parte (letreros de rua, vasilhames comerciais, propagandas, anúncios da tevê, etc.). No mundo circundante estão todas as letras, não em uma ordem preestabelecida, mas com frequência que cada uma delas tem na escrita da língua. Todas as letras em uma grande quantidade de estilos e tipos gráficos. Ninguém pode impedir a criança de vê-las e se ocupar delas. Como também ninguém pode honestamente pedir a criança que apenas peça informação a sua professora, sem jamais pedir informação a outras pessoas alfabetizadas que possa ter a sua volta (irmão, amigos, tios...). (FERREIRO, 2001, p. 38).

Diferentemente da criança, que precocemente está inserida na sociedade letrada, o jovem e o adulto iletrado- aquele que não tem contato formal com as letras- já se acomodou com o cotidiano e, na necessidade de resolver problemas e situações diversas e adversas, consegue decifrar placas e algumas palavras, considerando que existe um convívio diário com as mesmas; todavia, isso não significa que sabem ler e sim, que a partir de uma prática repetitiva agregaram significado a determinadas coisas, ou seja, as reconhecem especialmente pelos sentidos que produzem no contato. Álvaro Vieira Pinto, afirma que:

[...] O adulto se torna analfabeto porque as condições materiais de sua existência lhe permitem sobreviver dessa forma, com o mínimo de conhecimentos, o mínimo aprendido pela aprendizagem oral, que se identifica com a própria convivência social. Daí que não há para ele a necessidade de escola. (PINTO, 2010, p. 105).

Normalmente, quando o jovem e o adulto analfabeto procura a escola, as salas de EJA, é porque sentiu a necessidade de aprender além do que já se sabe. E esse processo de ir em busca de uma educação sistematizada é um movimento por parte destes alunos, uma vez que são diversos os desafios diários de viver apenas

com aquilo que se aprendeu através da oralidade e optaram por buscarem aprender mais, para que consigam ir adiante e tenham bases para construir seus próprios conhecimentos a fim de responderem a exigências, por exemplo, de emprego num contexto de larga competitividade, entre outras.

À escola, por sua vez, caberia reconhecer e respeitar os saberes que essas pessoas carregam, assim como os motivos que as fazem retornar aos estudos, e o ritmo de cada um a fim de que se realize uma alfabetização emancipadora.

Ao ingressar nas salas de EJA, assim como as crianças o indivíduo já tem contato com a oralidade. No entanto, a oralidade como uma prática social arraigada, não conta com privilégios para a criança ou para o jovem ou adulto que chegam à escola. Na esteira desse pensamento, temos que

[...] o processo de alfabetização na escola, sofre, talvez mais que qualquer outra aprendizagem escolar, a marca da discriminação em favor das classes socioeconomicamente privilegiadas. A escola valoriza a língua escrita e censura a língua oral espontânea que se afaste muito dela; ora como foi dito anteriormente, a criança das classes privilegiadas, por suas condições de existência, adapta-se mais facilmente as expectativas da escola, tanto com relações as funções e usos da língua escrita, quanto em relação ao padrão culto da língua oral. (SOARES, 2008, p. 22).

Magda Soares, na citação acima, está referindo-se à criança; no entanto, pode ser inferida a mesma explicação para jovens e adultos em processo de aprendizagem escolar. A criança pequena, ao ser introduzida na escola, está com o seu vocabulário em construção; já os alunos de EJA por estarem há mais tempo vivendo desafios sociais, carregam um repertório linguístico que difere do horizonte de expectativas escolares e acarreta uma maior dificuldade em (des)associar a língua oral da língua escrita, ou seja, irão escrever de acordo com aquilo que ouvem no contexto no qual estão inseridos.

Um mecanismo que poderia ser empregado ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita de jovens e adultos é a utilização de obras literárias brasileiras. Muitas delas preservam a linguagem informal, com características próprias do Brasil, e quando utilizadas e trabalhadas em salas de aulas, podem dar aos alunos a oportunidade de estarem em contato com essa linguagem de forma sistematizada (já que estão em livros) e a partir daí, com mediação do professor, podem questionar o porquê das personagens falarem daquela maneira e relacionar as descobertas com sua própria maneira de falar; desse modo, aos poucos, poderão identificar formas

diversas de linguagem, da coloquial, à de seu meio social, à formal que gera reflexões do que é determinante no saber escolar. Para a escrita escolar, vale a linguagem formal em detrimento de sua linguagem usual.

O professor ao utilizar a literatura brasileira como instrumento de aprendizagem, não estará criticando ou impondo uma forma correta para que os alunos de EJA falem e escrevam; o intuito deve ser mostrar a diversidade presente em nosso país, ao mesmo tempo aguçando-os a descobrirem conjuntamente a diversidade de formas e contextos apresentados em que os personagens pensam/agem. Desse modo, o embate de realidades, desde a linguagem utilizada pelas personagens às exigências de linguagem formal (im)postas pela escola, poderá refletir na própria forma com que esses alunos – os da EJA- leem o mundo e o que interfere, ou pode vir a interferir, nessa leitura de mundo.

O professor, independentemente da modalidade na qual irá lecionar, deve potencializar didáticas para as práticas de leitura e escrita de modo a não formar reprodutores de suas palavras, ideologias e pessoas moldadas, sem senso crítico; ainda mais, não deve fazer uso de uma educação bancária (FREIRE, 2014) onde o aluno é visto apenas como um depósito. O professor de EJA deve estar ciente da condição de seus alunos, e buscar meios de modo a potencializá-los como sujeitos que saibam de seus direitos, pois seus deveres socialmente muitas vezes é apenas trabalhar.

Essa é uma bela imagem para um professor: alguém que conduz alguém a si mesmo. É também uma bela imagem para alguém que aprende: não alguém que se converte num sectário, mas alguém que, ao ler com o coração aberto, volta-se para si mesmo, encontra sua própria forma, sua maneira própria [...]. (LARROSA, 2003, p. 51).

4 DE IMAGEM A IMAGEM. LER O MUNDO E LEITURA DE MUNDO

A vida em sociedade só existe considerando-se a interação entre os indivíduos; os seres humanos se constituem a partir das relações criadas cotidianamente, sejam elas experiências negativas ou positivas. O ato de se relacionar com o próximo é algo inevitável que deixa marcas, e cabe a cada um se ver como ser singular e agregar apenas aquilo que lhe convém e a partir daí criar mecanismo para que um bom relacionamento se concretize respeitando a heterogeneidade do mundo no qual faz parte.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é o fazedor [...]. (FREIRE, 2011, p. 60).

Quando me refiro à ideia de *ler o mundo*, formulo que esse ato se refere àquilo que vemos e julgamos de acordo com que conhecemos e vivemos, ou seja, é algo mais intrínseco, subjetivo de cada indivíduo, que começa a ser constituído desde o nascimento no âmbito familiar.

Ao me referir à ideia de *leitura de mundo*, trago comigo a ideia de conseguir sobreviver na sociedade na qual somos inseridos; e para que isso ocorra o sujeito deve apropriar-se de conceitos que vão além das suas vivências cotidianas.

Ler o mundo é algo mais íntimo e extenso. Íntimo, pois, são vontades que vêm de dentro, da alma, são desejos que muitas vezes são reprimidos, mas que fazem parte da nossa constituição como seres humanos. Extensa, pois, é a nossa própria maneira enxergar o nosso entorno, do mundo no qual fazemos parte, com inúmeras possibilidades e desafios; contudo, é necessário que o indivíduo exercite apreenda sua *leitura do mundo* para não se tornar submisso daquilo que os outros querem.

Normalmente, opressoras são aquelas pessoas que possuem uma bagagem cultural maior e um poder aquisitivo superior e por isso acreditam ser capazes de ditar e comandar as classes inferiores. Classes essas, que normalmente se calam, pois necessitam que seus esforços, que muitas vezes são banalizados e mal remunerados gerem renda para que consigam viver honestamente. Cada vez que se cala, o homem torna-se um ser adestrado e manipulável e deixa de lado sua liberdade. Concordo com Freire quando ele diz que

[...] toda vez que se suprime a liberdade, fica ele meramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceando, acomodado a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discuti-los o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora. (FREIRE, 2011, p. 59).

Ao ter noção da *leitura de mundo*, de saber interpretar a sociedade da qual faz parte, o sujeito sai da sua zona de conforto, ultrapassa o *ler o mundo* e começa a ter uma visão mais ampla daquilo que os opressores esperam, e ainda, tem condições para procurar estratégias para deixar de ser oprimido, ou seja, passa a ter convicção de seus direitos e das suas possibilidades; a meu ver, a literatura brasileira é um meio para que isso ocorra.

5 LENDO GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos de Oliveira é Alagoano, nasceu em 27 de outubro de 1892 na pequena cidade de Quebrangulo, sendo o primogênito de quinze filhos. Em 1899 mudou-se com os pais para Viçosa, também em Alagoas, e logo depois para Maceió onde passou frequentar o colégio Quinze de Maio.

No ano de 1906, tem sua primeira experiência como escritor, ao redigir o periódico *Echo Viçosense* e publicar sonetos na revista carioca *O Malho*. Quando completa 18 anos, Graciliano Ramos passa a residir em Palmeira dos Índios, em Alagoas, onde passa a cuidar da casa comercial do seu pai; entretanto, essa vida não lhe atrai, e em 1914, embarca para Rio de Janeiro e passa a trabalhar como revisor no jornal carioca *Correio da manhã*.

Em 1915, retorna para Palmeira dos Índios porque a epidemia de peste bubônica atinge seus familiares. Neste mesmo ano, com 23 anos, Graciliano se casa com Maria Augusta de Barros, que falece em 1920, por complicações no parto do seu quarto filho.

Em 1925, começa a escrever seu primeiro romance, *Caetés*, concluído em 1928, sendo publicado apenas em 1933 pela Editora Schmidt – RJ. Ao final da década de 20, precisamente em 1928, dois eventos importantes marcam esse período, Graciliano casa-se com Heloísa Leite de Medeiros e torna-se prefeito de Palmeira dos Índios- AL. Graciliano vive o restante de sua vida com Heloísa com quem tem mais quatro filhos; e seu mandato tem permanência de apenas dois anos, uma vez que em 1930 renuncia ao cargo.

Ainda em 1930, Ramos, é nomeado diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, mas pede demissão em dezembro de 1931. No ano seguinte, ainda em Palmeira dos Índios, mais especificamente, na sacristia da Igreja Matriz, escreve os primeiros capítulos do seu romance intitulado *São Bernardo*; nesse mesmo ano a obra é concluída, porém só é publicada em 1934.

Em 1933, é nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas, cargo equivalente ao de Secretário Estadual da Educação; paralelo a isso, também é contratado como redator do *Jornal de Alagoas*.

Em 1936 publica *Angústia* (romance). Infelizmente neste mesmo ano, Graciliano é preso com alegação de ser comunista, passando por diversas cadeias sendo libertado apenas em 1937. Ao ser liberto, passa a residir no Rio de Janeiro.

Em 1938 publica *Vidas Secas* (romance) sua obra mais importante, que é considerada um clássico da literatura brasileira. No ano seguinte, é nomeado Inspetor Federal de Ensino Secundário do Rio de Janeiro e publica *A terra dos meninos pelados* (literatura Juvenil).

Em 1942, com 50 anos, Ramos recebe o prêmio Felipe de Oliveira, pelo conjunto de sua obra. Em 1944 publica *História de Alexandre* (literatura juvenil). Em 1945 filia-se ao partido comunista brasileiro, além de publicar dois livros, intitulados *Infância* (memórias) e *Dois Dedos* (literatura infantil). Em 1946 publica *Histórias incompletas* (literatura infantil). Em 1947 publica *Insônia* (contos).

Em 1951, é eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores. No ano seguinte viaja com sua esposa Heloísa pela União Soviética. Em setembro do mesmo ano, sua saúde se agrava e é operado sem sucesso em Buenos Aires, retornando para o Rio de Janeiro gravemente doente, em outubro. Em janeiro de 1953 é internado vindo a óbito em 20 de março no Rio de Janeiro, por conta de um câncer de pulmão. Postumamente, nesse mesmo ano é publicado seu livro *Memórias do Cárcere* (memórias).

Mesmo depois de sua morte, Heloisa continua a publicar os livros de Graciliano; no ano de 1954, publica *Viagens* (memórias). Em 1962 publica *Linhas tortas* (crônicas), *Viventes das Alagoas* (crônicas), *Alexandre e outros Heróis* (literatura infanto-juvenil). Neste mesmo ano, *Vidas Secas* recebe o Prêmio da Fundação William Faulkner (EUA) como livro representativo da Literatura Brasileira Contemporânea.

Em 1982, Heloisa publica *Cartas*, (compilação da correspondência pessoal de Graciliano); ela vem a óbito em 1999, em Salvador, BA. Em 2012, Thiago Mio Salla, pela Editora Record, lança *Garranchos*, livro de textos inéditos de Graciliano.

6 LENDO VIDAS SECAS. O LIVRO E A FERRAMENTA NA LEITURA DE MUNDO DE JOVENS E ADULTOS

A literatura brasileira, como já explicitado, pode ser considerada uma metodologia importantíssima em sala de aula, ampliando, para jovens e adultos, sua leitura de mundo, isto é, ao interagirem com produções literárias brasileiras podem criar conexões e assim relacionar o contexto no qual as narrativas se constroem com suas próprias vivências e a partir daí sentirem-se sensibilizado para mudar sua própria história.

[...] Em movimentos de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de criança e jovem. (LAJOLO, 2004, p. 26).

Vivemos em uma sociedade desigual onde a miséria perpassa, de forma nítida, as classes mais baixas; as pessoas que possuem um certo poder aquisitivo podem desfrutar de uma vida digna, mas aqueles que não possuem esses subsídios muitas vezes tornam-se obsoletos na sociedade capitalista, ou tornam-se meros contribuintes de mão de obra barata e descartável.

Ao nascer pobre, as pessoas já têm em seu destino um poder de decisão menor que os demais, ou seja, socialmente, presume-se que suas escolhas serão norteadas com o princípio de se manter na sociedade, da qual fazem parte, de forma digna, sobrevivendo. Já as pessoas que nascem em um contexto familiar próspero, presume-se que não terão em que se preocupar com tal premissa já que, socialmente, suas origens já possuem características para que as tornem pessoas prósperas dando-lhes uma vasta possibilidade de decisões.

Graciliano Ramos em sua obra "Vidas secas" mostra que por mais sofrida que a vida seja é possível ser digno e sonhar, aliás, independente de ser rico ou pobre todos podemos sonhar, sonhos esses diferentes claro, porém sonhar é a forma que Fabiano e sua família encontram para ter esperança de dias melhores. Dialogando com Paulo Freire em seu livro "Pedagogia do oprimido" temos que "Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero". (2014, p.114). Percebe-se, portanto, uma diferença em relação ao sentido de esperança para Freire e o sentido da palavra esperança

atribuído por Fabiano e sua família. Em primeiras leituras, podemos inferir que Fabiano e sua família estão acomodados com suas vidas, não buscam sair da situação que se encontram, não fazem nada para alcançar os sonhos que tanto almejam, consideram-se pessoas brutas e o fato de ter esperança de dias melhores e não lutar por aquilo que querem torna essa esperança um desejo inalcançável. Já Freire, escreve que não se deve cruzar os braços (atitude de Fabiano e sua família, em leitura preliminares) e esperar que as coisas se realizem (de fato, não irão se realizar) é preciso lutar, e enquanto se está lutando por aquilo que é ambicionado há esperança para que o desejado se concretize.

Quando referimo-nos a leituras preliminares, trazemos sentidos de que, como obra literária fundada numa perspectiva de vida cotidiana do povo nordestino menos privilegiado, Graciliano nos brinda com a potência de leitura de uma certa realidade em que a sobrevivência se sobrepõe aos sonhos. Em leituras com potencial mais crítico, nós, leitores e leitoras acadêmicos, é esperado que consigamos ampliar nossa leitura de um mundo que se configura naquela obra, misto de realidade (de uma condição) e de ficção (pela invenção da forma e do estilo).

Quando existe esse movimento de sair do comum, da rotina, e ir em busca daquilo que se deseja, a pessoa está lutando. Quando se luta por um objetivo existe esperança para que aquilo se concretize, e toda luta está permeada de aprendizagem, já que acarreta novas experiências. Os desafios durante essa busca, e momentos de fraqueza existem, mas, se lembrarmos que mesmo as vivências negativas estão permeadas de significados, estaremos um passo à frente na realização daquilo que almejamos. O aluno de EJA, ao entrar nessa luta, deve ter esperança, por mais difícil que for o caminhar, as novas descobertas farão parte da sua nova constituição, não que a antiga deva ser esquecida, mas ao receber o saber institucionalizado, surgirá uma nova versão de si próprio, e terá a possibilidade da realização da leitura do mundo, portanto, conseguirá ver além daquilo que já é visto.

Vidas Secas. Não existe uma linearidade na obra, são acontecimentos que acabam se conectando a partir do ponto de vista de cada personagem. No capítulo intitulado "Baleia" a cadelinha está à beira da morte e Fabiano decide matá-la para acabar com sua agonia e não passar doença para as crianças. Chama-me a atenção a cachorra possuir características iguais aos dos integrantes da família que, mesmo antes de morrer, lembra de suas obrigações: " Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana

deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas" (RAMOS, 2011, p. 90). Qual seria essa obrigação? Trabalhar. Assim como baleia, antes de morrer, lembra de seus afazeres, os moradores do sertão que não possuem uma condição para se sobressaírem nessa sociedade, têm em suas vidas uma única alternativa: trabalhar para conseguir sobreviver. Trabalho esse desumano, pelo qual estão a mercê de patrões opressores que aproveitam dessa ignorância para lucrarem em cima de seus trabalhadores. Nesse capítulo interpreto que o autor compare a morte do animal com a morte de espírito dos demais personagens, que aos poucos vão morrendo e não podem expor aquilo que pensam por acreditarem, se sentirem e serem tratados como seres inferiores.

Não é só os moradores do sertão que precisam trabalhar para sobreviver. Todo pessoa precisa de dinheiro para conseguir viver, mas se você nasce em "berço de ouro" com condições econômicas maiores, automaticamente, você terá uma trajetória menos árdua. É considerável que, na maioria das vezes, os alunos que frequentam as salas de educação para jovens e adultos tiveram que parar os estudos para poderem trabalhar e ajudar no sustento da família, sendo assim, seu espírito teve parte corrompida, já que estudar é um direito e uma necessidade para todo indivíduo que quer uma vida melhor. Ao retornar a escola, esses alunos se reencontram consigo mesmo, e aquilo que lhes fora tirado, por motivos "maiores" pode ser desfrutado novamente: o conhecimento sistematizado, fazendo com que esse espírito de buscar o novo e de aprender seja reaceso.

Baleia é um animal com sentimentos humanos por pensar e sentir "Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas." (RAMOS, 2011, p. 89). Percebe-se que, assim como Fabiano sente lealdade ao seu patrão, Baleia compartilha o mesmo sentimento por ele, mesmo querendo mordê-lo, não o faz, já, Fabiano mesmo querendo impor-se ao seu patrão não o faz; o que os diferencia é que Baleia sente admiração pelo seu dono pois o mesmo cuida dela. Já Fabiano tem medo do seu patrão pois, acredita que, por ele ser homem rico, culto e com mais propriedades tem mais a oferecer que ele. Acredito que Graciliano, ao personificar a cachorra quis fazer uma crítica, uma vez que no decorrer da história Fabiano se autodenomina como animal.

O livro de Graciliano Ramos mostra a peculiaridade de uma região brasileira onde a vida dos personagens é impregnada pela seca, fazendo com que passem diariamente por imensas dificuldades já que são castigados pelo sol escaldante.

Outra passagem do livro que me comoveu muito chama-se “Contas” onde Fabiano sente-se lesado por seus patrões e os questiona, mas logo se contenta com a resposta dada por ele, por medo, e por acreditar ser um homem bruto e sem conhecimento. Esse capítulo traz a seguinte passagem:

Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão as sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou a cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de sinhá vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros. (RAMOS, 2011, p. 94).

A princípio, nota-se que sinhá Vitória faz uso de matérias do seu cotidiano para realizar as operações matemáticas, e tal fato me fez pensar na valorização dos conhecimentos que os alunos trazem de casa e a necessidade da valorização desses conhecimentos. A atitude da mulher de Fabiano, ao fazer uso de sementes mostra-nos uma estratégia pedagógica interessantíssima, pois relaciona número com quantidade. Essas sementes fazem parte do contexto social no qual ela está inserida, dando significado às operações matemáticas por ela feitas. Em sala de aula, como apontam os autores abaixo, a aprendizagem matemática não deve ser pautada em repetições e nem em estratégias mecânicas, sendo fundamental o estabelecimento de relações por parte dos alunos, e Sinha Vitória está utilizando as sementes a favor da construção do seu pensamento matemático. Por esse caminho, aponta-se que

[...]a aprendizagem da matemática não ocorra por repetições e mecanização, mas se trate de uma prática social que requer envolvimento do aluno em atividades significativas. Temos convicção que aprender seja um processo gradual, que exige o estabelecimento de relações. A cada situação vivenciada, novas relações vão sendo estabelecidas, novos significados vão sendo produzidos, e esse movimento possibilita avanços qualitativos no pensamento matemático. (NACARATO; MENGALI; PASSOS, 2009, p. 34-35)

Ainda em relação às operações matemáticas, por outro lado, percebe-se que Fabiano tem seu trabalho desvalorizado e até banalizado quando o autor diz “como de costume”, o que de fato acontece não só nessa determinada região, mas também em outras regiões do Brasil, quando trabalhadores humildes prezam pela

honestidade e são roubados ao trabalharem em troca de salários baixíssimos e em condições degradantes. É o que podemos acompanhar pelas mídias, ainda que não tenhamos posição mais precisa acerca dessas condições.

Não existe um diálogo entre Fabiano e seu patrão e, no decorrer do livro fica visível a hierarquia social, onde o mais fraco sempre estará sujeito a respeitar os mais forte. Concordo com Paulo Freire quando ele afirma que:

Mas, infelizmente, o que se sente dia a dia, com mais força aqui, menos força ali, em qualquer dos mundos em que o mundo se divide, é o homem simples esmagado, diminuído, e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele. Mitos que, voltando-se contra ele, o destroem e aniquilam. É o homem tragicamente assustado, temendo a convivência e até duvidando de sua possibilidade. (FREIRE, 2011, p. 62).

Essas atitudes fazem com que Fabiano desacredite que seus filhos poderão ter um futuro melhor que o dele, uma vez que seu avô e seu pai eram homens brutos, restando apenas a possibilidade de seus filhos também serem homens brutos. O filho mais novo de Fabiano tem uma admiração incrível pelo pai, e quer ser igual a ele quando crescer, forte e destemido. Por ser criança, viver na roça, e não ir à escola o garoto não tem contato com outra realidade; seu principal objetivo torna-se trabalhar assim como o pai e o avô.

Quando se nasce e se vive em uma realidade, a pessoa é condicionada a acreditar que aquilo é o melhor para ele. Que aquilo será seu único objetivo de vida. Quando tem a possibilidade de frequentar a escola, presume-se que a mesma deveria ampliar leitura dessa realidade e mostrar que se pode ir além, que se você desejar ter uma outra perspectiva de vida e lutar por ela, ela pode se concretizar. A instituição escolar, principalmente em relação ao ensino de jovens e adultos, presume-se, deveria ter como objetivo uma formação integral, ou seja, não ser restrita ao “ba, be, bi, bo, bu” deveria mostrar as possibilidades, como já sugerido para que outras leituras de mundo ocorram, potencializando subsídios para que as pessoas se reconstituam em seres críticos, saibam ser críticos, com opiniões favoráveis a si mesmas.

No decorrer do livro, percebe-se a falta de diálogo entre os personagens. Fabiano acredita que não sabe falar e se sente intimidado, por isso evita o ato de conversar com as demais pessoas, pois acredita que não tem nada a oferecer, apenas o seu trabalho. O ato de falar, comunicar-se verbalmente, é a forma das

peças letradas expõem o suas opiniões, mesmo que não utilizem um vocabulário tão exuberante quanto o de uma pessoa letrada, que utiliza palavras de grafias bonitas. O simples fato de estarem falando é uma prova que se sentem seguros para expressarem suas ideias e pensamentos, só que infelizmente isso não ocorre com Fabiano. Concorde com Pinto (2010, p. 33) quando diz que “[...] Nas sociedades letradas, não existe saber graficamente conservados pela escrita e, contudo, há transmissão do saber pela prática social, pela via oral e, portanto, a educação”.

Percebe-se, que Fabiano se sente inseguro e incapaz de evidenciar seus pensamentos e sentimentos por considerar-se “homem bruto”, mas seus conhecimentos sobre outras áreas como, por exemplo, plantio, lhe faz um conhecedor, mesmo que não tenha aprendido lendo, ou por conhecimento sistematizados em livros, esse saber faz parte de sua constituição como ser humano. Assim como Fabiano, as pessoas desprovidas desse conhecimento sistematizado com prestígio social podem utilizar seus próprios saberes quando realizarem a leitura de mundo, pois são parte integrante da sociedade da qual fazem parte e esses conhecimentos são úteis, uma vez que, sem ele, os patrões de Fabiano (opressores na nossa realidade) não obteriam lucros. Portanto, todo saber deve ser valorizado e a ele dado o devido valor, mesmo que sejam vistos com pouco prestígio social, são necessários para que exista a vida em sociedade.

Apesar de não ser escrito, ou ter prestígio social, os saberes que Fabiano possui são úteis no contexto no qual ele está inserido. Por exemplo, seu Tomás de Bolandeira, personagem alfabetizado que lê muito e é considerado sinônimo de sabedoria pelos demais, no entanto, todo esse conhecimento adquirido pela leitura não é suficiente para que se consiga sobreviver no sertão “[...] Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros. Pois viera a seca, e o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo.” (RAMOS, 2011. p. 22). Não estou considerando errado o conhecimento erudito do seu Tomás de Bolandeira, já que o mesmo tem uma condição de vida melhor que os outros, mas sim frisando a necessidade de e valorizar os saberes que não estão escritos pois, nesse contexto, onde se passa a história e na nossa realidade é essencial que se saiba e que seja transmitido os mais diversos conhecimentos seja por via oral ou por via escrita.

Relacionando o episódio anterior com salas de EJA, onde jovens e adultos já sabem ler o mundo, já possuem seus conhecimentos, a partir de suas interações e

vivências com os outros, é necessário que ampliem a leitura do mundo, também pelo conhecimentos sistematizado, para não serem oprimidos, assim como Fabiano e nem perder tudo como Seu Tomás de Bolandeira. Segundo Pinto (2010, p. 39) “[..] O analfabeto não é um ignorante, não é um inculto, mas apenas o portador de formas pré-letradas de cultura [...] sendo deste modo, o indivíduo deve buscar através da educação constituir-se como um ser atuante e crítico e para que isso ocorra é necessário que se aprenda os saberes formais e que se valorize os seus próprios saberes, os saberes informais, que foram constituídos a partir de sua leitura de mundo, de suas vivências.

Os filhos de Fabiano e Sinhá Vitoria são nomeados como filho mais velho e filho mais novo pelo autor. A meu ver, o mesmo faz uma crítica pelo fato de os meninos serem crianças, pobres e que não frequentam a escola, portanto por que ter nome? Essa falta de pessoalidade no tratamento é eloquente, pois batiza os garotos com a impessoalidade.

Para você ser considerado uma pessoa com direitos e deveres, ao nascer é necessário que os sujeitos sejam registradas no cartório e tenham a certidão de nascimento -com um nome- e, posteriormente a identidade. Esses são documentos que lhe tornarão uma “pessoa” e mais formalmente, um cidadão. Mas não basta ser uma pessoa, é necessário que se busque tornar um indivíduo apto para viver em sociedade. Se você tem uma condição de vida melhor esse processo não será marcado pela opressão, caso contrário, você terá que lutar muito para conseguir sobreviver, e no livro, os filhos de Fabiano não possuem nem nome, não são visto como pessoas e terão que lutar mais que qualquer outro indivíduo para conseguirem ser alguém.

O livro de Graciliano Ramos “Vidas Secas” aborda questões pertinentes à sociedade brasileira. Traz características sofridas de uma população esquecida, que tem que lutar e, mesmo assim, sobreviver precariamente. Mesmo havendo a seca, fator que interfere nas más condições de vida de Fabiano e sua família, as personagens da narrativa ainda sofrem a opressão por parte dos seus patrões, características essas que se assemelham muito com a realidade de muitos brasileiros.

Ao analisar a obra, fica visível sua criticidade e seu teor de informações que podem potencializar as pessoas a refletirem sobre sua própria vida. A mesma preserva traços linguísticos da própria região, e como já foi explicitado, pode ser

utilizada no sentido de ser um conhecimento sistematizado escrito na forma em que se fala, ou seja, é escrita de acordo com a oralidade daqueles indivíduos, e ao ser trabalhada em sala de aula, é uma ferramenta de reflexão que possibilita aos alunos valorizarem os seus próprios conhecimentos, e a refletir sobre a forma culta da escrita, uma vez que ao ter contato com essa linguagem podem encontrar semelhanças com a própria maneira de falar e assim buscar deixar essa prática de lado quando forem transcreverem algo.

Ao realizarem e/ou ouvirem a leitura da narrativa saberão que é comum falar de diferentes formas, se sentirão pertencentes e inclusos na sociedade uma vez que sentirão semelhanças de suas práticas com as dos próprios personagens da história, e o livro é um conhecimento sistematizado, valorizado socialmente. Após esse sentimento de “pertencimento” e a mediação do professor poderão refletir sobre sua própria maneira de falar e reavaliarem se é correto ou não e quando devem utilizar cada tipo de linguagem/escrita, já que Ramos preservou o tipo de fala dos personagens para demonstrar suas carências sociais em relação a não irem a escola, ou seja por não terem internalizados a forma culta que esse ambiente proporciona.

Como já foi apontado, a obra analisada é uma ferramenta crítica que possibilita aos alunos refletirem sobre seu próprio entrosamento na sociedade. Os personagens da narrativa possuem uma vida sofrida, e que apesar de lutarem, são acomodados com sua realidade, e ao ser empregada, discutida em sala de aula pode permitir que os alunos se identifiquem com os personagens e busquem sair desse estado cômodo e irem em busca da sua própria subjetividade. Nesse processo de se encontrar e se reconstruir é importantíssimo o papel do educador, que será o mediador do conhecimento, pelo texto literário, e pelas vivências desses alunos.

PARTE II

7 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO. PRODUÇÕES ACERCA DA TEMÁTICA

O projeto desenvolvido pauta-se pelas características de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, uma vez que a mesma trabalha com significados a não com quantitativos. A pesquisa qualitativa compreende os significados que os acontecimentos e interações trazem para os seres humanos em situações particulares, portanto, é o estudo do fenômeno no seu contexto natural.

Em busca de ampliar significados, concernentes ao tema em estudo, (compreensão de quais contribuições que textos literários, em especial, a obra da literatura brasileira “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, traz para a educação de jovens e adultos, pessoas em processo de aquisição de leitura e escrita) procedi a um levantamento de artigos científicos nacionais sobre a temática na base *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* produzidos nos anos de 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017. Apoio-me em Gil quando afirma que,

Muitas vezes, as fontes de informações secundárias apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada. Assim, um trabalho fundamentado nessas fontes tenderá a reproduzir ou mesmo ampliar esses erros. Para reduzir essa possibilidade, convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-se cuidadosamente. (GIL, 2008, p. 45)

Senti muita dificuldade no processo de levantamento de dados, o que me fez relacionar com a falta de ênfase na educação de jovens e adultos, durante o curso de graduação e nos demais contextos sociais acadêmicos. Acredito que essa área esteja engatinhando a partir de um processo lento que precisa ser revisto, uma vez que as salas de EJA carecem de um olhar sensível e de mais estudos, além da necessidade de propostas pedagógicas e documentos que tenham como intuito nortear e fundamentar a prática do docente para com esses alunos, em específico.

Em primeiro momento, ao entrar na base da *SciELO*, escolhi o método de pesquisa integrada e coloquei uma única palavra chave: “EJA”. Como já foi dito e proposto, optei por produções brasileiras e obtive 97 resultados. Para filtrar e facilitar a busca, indiquei os anos 2013, 2014, 2015, 2016, e 2017 e obtive 44 resultados, o que mostrou uma queda significativa das produções. Após ler o resumo dos artigos encontrados apenas, 9 produções me chamaram a atenção; foi uma leitura de

seleção, os artigos eram perspicazes e condizentes com o tema do trabalho, acreditei que seriam fontes de informações, portanto, foram selecionadas para serem lidas e estudadas profundamente.

Ao utilizar “literatura”, “brasileira” e “EJA” como palavras chave e repetir todo o processo de busca citado anteriormente, nenhum resultado foi encontrado o que, à primeira vista, indica a escassez de produções que englobem a temática estudada, com as respectivas palavras chave citadas.

Dando continuidade à pesquisa, e o levantamento de dados, ao colocar os descritores “literatura” e “brasileira” obtive 5.477 resultados. Para filtrar e facilitar a pesquisa coloquei como idioma o português e coloquei o ano das publicações os quais me interessam, abarcando os últimos 5 anos. Com esse encaminhamento, o resultado caiu para 1.545 artigos. Ao observar o material, percebi que tratavam de assuntos diversos e que precisavam ser afuniladas ainda mais. Optei então, por assinalar, nas áreas temáticas, produções que se relacionam com as Ciências Humanas, Linguística, Letras, e Artes o que indicou 640 resultados. Após analisar as 46 páginas que resultaram pelo copia-e-cola da busca, ao ler os títulos e os resumos disponibilizados pelo *SciELO* observei que a maioria dos escritos relacionam-se com produções acerca do corpo e da saúde humana como, por exemplo, surdez, pessoas mudas e deficientes visuais, outros falam de machismo, autismo, e do envelhecimento, além de que muitas delas são entrevistas que pouco contribuem com a temática estudada, acarretando uma escassez de produções que envolvam o tema desta pesquisa. Entretanto, ao realizar a análise inicial, 03 textos foram selecionados para que pudessem ser lidos e estudados levando em consideração os pressupostos e objetivos deste trabalho.

Percebe-se que quando utilizei as palavras chave “literatura” “brasileira” e “EJA” nenhum resultado fora encontrado, entretanto, quando utilizo apenas as palavras chave “literatura” e “brasileira”, deixando de lado a palavra “EJA”, existe uma gama de produções relevantes. Diante desse resultado, várias indagações passam a me afligir, como, por exemplo: o por quê de não existir produções que englobem as três palavras chave. Existe limitação de alguma ordem, nas aulas de EJA, pela qual a literatura brasileira não é valorizada? Apenas as crianças pequenas devem aprender a ler e a escrever com obras literárias? A imaginação do jovem e a do adulto não deve ser aguçada?

Ao prosseguir com o levantamento de artigos, decido utilizar as palavras chave “valorização” “literatura” e “brasileira”, filtro a pesquisa para produções dos últimos 5 anos e com o idioma português; com esse encaminhamento, obtenho 14 resultados e ao analisá-los, ler a resenha e ao relacioná-los com o tema de pesquisa percebo que a maioria das produções aborda o tema “Ciências e Saúde” o que, de novo, não utilizo para este trabalho.

Quando escolho utilizar as palavras chave, melhor dizendo, os descritores “leitura” e “mundo”, e filtro novamente a pesquisa para produções brasileiras, no idioma português, publicadas nos últimos 5 anos, aparecem 76 resultados. Ao examinar essas produções novamente me decepção uma vez que, muitas delas, abordam a educação infantil e não a de jovens e adultos; contudo, consigo selecionar 03 produções que devem ser analisadas visando à contribuição para a pesquisa que ora se apresenta.

7.1 ANTES DAS ANÁLISES... ALGUMAS INFORMAÇÕES

Segue abaixo, as informações das produções que a princípio foram selecionadas seguindo as decisões de busca como indicado no texto acima.

Quadro 1. Artigos levantados utilizando-se os descritores “EJA”, “LITERATURA” “BRASILEIRA” e “LEITURA” “MUNDO”. Ano de busca: 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017.

TÍTULO	AUTOR	DESCRIPTOR	PERIÓDICO	ANO
Formação de educadores na educação de jovens e adultos (EJA):alinhavando contextos e tecendo possibilidades	Leôncio José Gomes Soares e Ana Paula Ferreira Pedroso	EJA	Educação em revista. vol.32, n.04, p.251-268 p Belo Horizonte	Outubro-dezembro 2016
A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais	Daniele da Silva Maia Gouveia e Alcina Maria Testa Braz da Silva	EJA	Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte) vol.17, n.3,	Setembro-dezembro 2015

			p.749-767 Belo Horizonte	
Representações Sociais de Docentes da EJA: afetividade e formação docente	Poliana da Silva Almeida Santos Camargo	EJA	Educação e Realidade. vol.42, n.4, p.1567-1589. Porto Alegre	Outubro-dezembro 2017
Práticas sociais de leitura em uma sala de aula de jovens e adultos: contrastes em foco	Maíra Tomayno de Melo Dias e Maria de Fátima Cardoso Gomes	EJA	Educação em Revista, Belo Horizonte, v.31, n.02, p.183-210	Abril-junho 2015
O que é qualidade na educação de jovens e adultos?	Luciana Bandeira Barcelos	EJA	Educação e Realidade vol.39, n.02, p.487-509. Porto Alegre	Abril- junho 2014
Evasão escolar na educação de jovens e adultos: problematizando o fenômeno com enfoque na cultura escrita	Rosângela Pedralli e Mary Elizabeth Cerutti Rizzatti	EJA	Revista Brasileira de Linguística Aplicada, vol.13 n.03, p.771-788. Belo Horizonte	Julho-setembro 2013
<u>Aprendizagem e desenvolvimento de jovens e adultos: novas práticas sociais, novos sentidos</u>	<u>Patrícia Guimarães Vargas e Maria de Fátima Cardoso Gomes</u>	<u>EJA</u>	<u>Educação e Pesquisa. vol.39 n.2, p.449-463. São Paulo</u>	<u>Abril-Junho 2013</u>
Práticas dos professores alfabetizadores da EJA: o que fazem os professores, o que pensam os seus alunos?	Andréa Tereza Brito Ferreira; Eliana Borges C. de Albuquerque; Artur Gomes de Moraes e Josemar Guedes Ferreira	EJA	Educação em revista. vol.29, n.03, p. 177-198- Belo Horizonte	Setembro 2013
Esse é o meu lugar... esse não é o meu lugar: inclusão e exclusão de jovens e de adultos na escola	Sônia Maria Schneider e Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca	EJA	Educação e Sociologia. vol.34, n.122, p.227-244. Campinas	Janeiro-Março 2013

Literatura e ética: notas para um diálogo que não se acaba	Rejane Pivetta de Oliveira e Ricardo Araújo Barberena	Literatura Brasileira	Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea n.51, p.11-21. Brasília	Maio-agosto 2017
Políticas públicas para a leitura e a literatura: o legado autoritário e a influência do mercado	Victor Hugo Adler Pereira e Mirna Aragão de Medeiros	Literatura Brasileira	Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea no.50, p.239-310. Brasília	Janeiro-abril 2017
Como ler os textos literários na era da cultura digital?	Edgar Roberto Kirchof	Literatura Brasileira	Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea n.47, p.203-228. Brasília	Janeiro-junho 2016
A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire	Ana Maria Araújo Freire	Leitura Mundo	Cadernos CEDES, vol.35 n.96, p.291-298 Campinas	Maio-agosto 2015
Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo	Paulo Gomes Lima	Leitura Mundo	Pro-Posições vol.25 n.3, p. 63-81. Campinas	Setembro-dezembro 2014
<u>Aprendizagem e desenvolvimento de jovens e adultos: novas práticas sociais, novos sentidos</u>	<u>Patrícia Guimarães Vargas e Maria de Fátima Cardoso Gomes</u>	<u>Leitura Mundo</u>	<u>Educação e Pesquisa. vol.39 n.2, p.449-463. São Paulo</u>	<u>Abril-junho 2013</u>

FONTE: Plataforma SciELO. Organizado pela autora, 2018.

Para selecionar as produções, além de seguir os critérios já estabelecidos e explicitados anteriormente, é válido salientar que esses textos foram escolhidos levando em consideração apenas a leitura dos títulos e de seus resumos.

Inicialmente, foram selecionados 15 artigos (como mostra o quadro) para serem estudados visando aportes para esse trabalho, porém ao serem lidos, apenas

09 contribuíram com o mesmo (selecionados em negrito), ressaltado também, que 1 dos artigos apareceu em dois descritores (selecionado em negrito e sublinhado).

7.2 INDO ALÉM... O QUE [ME] DIZEM AS PRODUÇÕES SELECIONADAS?

Iniciarei analisando as produções selecionadas com o descritor “**EJA**”.

O primeiro artigo selecionado é denominado “Práticas sociais de leitura em uma sala de aula de jovens e adultos: contrastes em foco”, escrito por Maíra Tomayno de Melo Dias e Maria de Fátima Cardoso Gomes, que teve como objetivo expor a dimensão social das práticas de leitura e escritas perpassadas pelas relações de poder. O artigo possibilitou conhecer o quê e como leem alunos de uma sala de EJA, em Belo Horizonte, já que a leitura e a escrita são práticas sociais exigidas cada vez mais para a participação na sociedade contemporânea.

Dias e Gomes (2015, p.189) falam que “[...]que ler é dialogar com o autor, com outras vozes e enunciados, em um processo contínuo de construção de identidades”. Este é um dos pressuposto, que abordo nesta pesquisa, portanto, concordo com a fala dos autores, pois, a partir da literatura brasileira, jovens e adultos em salas de EJA podem estabelecer conexões entre o mundo imaginário dos personagens que possuem traços que se assemelham com suas próprias condições -como seres humanos reais-, possibilitando a construção crítica do próprio pensamento, pautados pela mediação dos professores.

O artigo continua falando da necessidade do letramento no contexto escolar onde os indivíduos, ao apropriarem-se dessa prática, serão capazes de empregar socialmente o que aprenderam na escola, no quesito leitura e escrita, ou seja, serão capazes de dar significado ao ato de ler e escrever e não a realizá-los de forma mecânica; quando esse ato se concretizar, poderão, por conta própria, buscarem sua emancipação já que “[...] o engajamento desses sujeitos nas práticas de leitura e escrita é um ato social impregnado por ideologias e relações de poder” (DIAS; GOMES, 2015 p. 190).

São analisadas, no decorrer do texto, a prática de duas professoras em uma sala de educação para jovens e adultos, Emília e Noele. A professora titular da classe é Emília; trago, a seguir, um trecho retirado do artigo de como é sua aula e, posteriormente, na sua ausência, como foi a aula da professora Noele.

Antes de iniciar a leitura oral coletiva, Emília pediu ao aluno José Geraldo para ler a palavra “jabuti” e para Sebastião ler a palavra “jiboia”.⁸ Ao realizar a leitura da palavra “jiboia” da seguinte forma: JI-BO-I-A, o aluno foi corrigido pela professora. Emília tentou explicar que a leitura correta era JI-BOI-A e que o encontro vocálico entre O e I deveria ser mantido durante a leitura. Contudo, Sebastião não conseguiu perceber nenhuma diferença entre a leitura realizada por ele e a realizada pela professora. Para o aluno, as duas possuíam o mesmo significado, ou seja, o que eles liam era o nome do animal jiboia. Com ou sem a diferenciação do encontro vocálico na leitura, o significado não mudava. Emília continuou insistindo e corrigiu o aluno 13 vezes seguidas, pois, segundo ela, “se fizer assim / tá errado/ aqui / e lá nos / Estados Unidos”. Então, Sebastião se cansou e concluiu que não seria capaz de reproduzir a leitura da palavra do jeito que a professora queria: “ah / eu não sei falar / esse nome aí/ não”. Podemos notar que Sebastião realizou a leitura da palavra “jiboia” da mesma forma como falamos. Emília artificializou a sua pronúncia ao ponto de tentar reproduzir, na fala, a escrita. (DIAS; GOMES, 2015, p. 195-196),

[...] os alunos guardaram o material e se dirigiram à mesa para a escolha dos livros. Após a escolha, os alunos sentaram-se em duplas para que um pudesse ouvir a leitura do outro. Noele também foi passando nas carteiras para auxiliar os alunos na organização das duplas e, depois, na leitura do material.

Durante a leitura do livro O balaio do rato pela aluna Luciene para a colega Ana Célia, sentada ao seu lado, as duas foram construindo, juntas, o sentido do texto. Luciene lia pausadamente, passando o dedo embaixo da palavra, localizando as informações exatamente como as professoras faziam. Vejamos um trecho de sua leitura: “o gato/ olhou/ para/ o rato/ e falou/ cadê/ o/ bo/ de? / cadê/ o / ga/ lo?/ cadê/o/ pa/ to?”. Depois que ela leu, a colega fez perguntas e comentários: “que gato danado, hein?!”. As duas colegas riam e continuavam a ler; elas apreciavam e experimentavam a atividade de leitura como uma prática social. (DIAS; GOMES, 2015, p. 203),

Fica nítida a diferença da didática entre ambas das professoras, cada uma possui um método quando o assunto é leitura e escrita. Os alunos pareciam acostumado com a realidade da professora Emília, que prioriza a memorização e a repetição e faz uso de textos xerocados. Quando a professora Noele propõe que os alunos guardem os cadernos e peguem livros para lerem, em duplas, os alunos, a princípio, ficam surpresos, pois não estão acostumados com tal prática. Fica nítida também a relação de poder da professora Emília para com os alunos; ela parece acreditar que existe apenas uma verdade, a dela, e quer que os alunos aprendam por intermédio da repetição, à primeira vista, sem significação. Já a professora Noele prioriza a aprendizagem coletiva, onde os alunos poderão construir conjuntamente os conhecimentos e impregná-los de significados. Em qual das práticas a

apropriação do letramento se concretizou? Devemos/ queremos ser “Emílias” ou “Noeles” nas vidas dos alunos de EJA?

Ao atuar com a EJA é necessário que haja sensibilidade para com os alunos, e que se valorize o conhecimento dos mesmos, tornando-os sujeitos de sua aprendizagem e, nesse processo, a interação é essencial, uma vez que ao estar aprendendo conjuntamente, estão aprendendo a aceitar o posicionamento de outrem e, se preciso, impor-se, mas de forma a não oprimir seu colega. Tais atitudes serão necessárias para o convívio em sociedade, já que serão sujeitos capazes de falarem e demonstrarem o que sentem sem ser oprimidos.

O próximo artigo selecionado intitula-se “Formação de educadores na educação de jovens e adultos (EJA): alinhavando contextos e tecendo possibilidades”, escrito por Leôncio José Gomes Soares e Ana Paula Ferreira Pedroso. O artigo inicia falando que a discussão sobre a formação de professores para atuação na educação de jovens e adultos não é recente e que é preciso ser vista em suas especificidades.

[...] No I Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado no Rio de Janeiro, ainda em 1947, já se ressaltavam as especificidades das ações educativas em diferentes níveis, recomendando uma preparação mais apropriada para se trabalhar com adultos. Passados mais de dez anos, no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado em 1958, as críticas à ausência de formação específica para o professorado, assim como à falta de métodos e conteúdos pensados particularmente para a Educação de Adultos, tornaram-se ainda mais agudas, explícitas e generalizadas. (SOARES; PEDROSO, 2016, p. 254-255).

Compartilho das mesmas ideias dos escritores do artigo, quando falam que nos cursos de licenciatura o enfoque das disciplinas é a educação em nível infantil e fundamental, havendo, assim, pouco contato por parte dos alunos com a educação de jovens e adultos. Tal situação contribuiu para que os futuros professores se sintam inseguros e despreparados para atuarem com essa modalidade, em particular, uma vez que os aportes teóricos que fundamentarão a prática do docente no sistema “regular”, não servirão para os alunos de EJA. O educador que atua/atuará em salas de EJA deve reconhecer as peculiaridades de seus alunos como, por exemplo, sua situação sociocultural e suas histórias de vida, para, a partir delas, criar estratégias visando uma educação reflexiva que permita aos sujeitos pensarem individualmente e coletivamente.

No campo educacional, muito se tem discutido a respeito do aprimoramento de práticas pedagógicas que atendam adequadamente às especificidades próprias da Educação de Jovens e Adultos, o que evidencia o reconhecimento de que o processo educativo, sobretudo nessa modalidade de ensino, deve extrapolar a simples concepção conteudista e incorporar aspectos relacionados à cultura e à realidade vivencial dos educandos. Nessa perspectiva, conhecer qual a natureza e quais seriam os saberes necessários à formação e à profissionalização de educadores de jovens e adultos tem-se mostrado extremamente significativo no processo de consolidação da EJA como campo específico de atuação docente. (SOARES; PEDROSO, 2016, p. 264).

Dando continuidade às análises, o próximo trabalho, intitula-se “A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais”, escrito por Daniele da Silva Maia Gouveia e Alcina Maria Testa Braz da Silva. O trabalho apresenta as expectativas dos alunos de EJA em relação ao futuro, o que possibilita, aos professores, adotarem práticas que corresponda às expectativas desses alunos. Logo de início, as autoras expõe que a trajetória do ensino da EJA é marcada por projetos governamentais, em sua maioria, desastrosos, que sofreram influência das classes dominantes, que queriam a formação de pessoas maleáveis e adequadas para o cumprimento de ordens.

As prioridades dos primeiros projetos de educação popular eram a alfabetização e o aligeiramento do ensino, com atividades que eram restritas ao ensinar a ler e a escrever, o que já seria suficiente para formar o cidadão apto para o mercado de trabalho e para a vida. Esse tipo de prática não incluía atividades e conteúdos que contribuíssem para a formação intelectual do aluno de uma maneira mais ampla. (GOUVEIA; SILVA, 2015, p.753).

Elas falam, também, que as salas da EJA são frequentadas por diferentes tipos de alunos, com idades, perspectivas e interesses diferentes, o que acarreta ao professor dessa modalidade, dificuldades para entender e suprir as individualidades de um grupo tão heterogêneo. Em suas palavras,

Existe então a necessidade de se repensar as práticas na EJA para que haja uma educação inclusiva, isto é, de modo que possam ser criadas estratégias para oferecer um ensino que atenda a todos. Uma educação inclusiva não só abre possibilidades para se alcançar direitos iguais de acesso, mas principalmente iguais condições e motivações para que os alunos possam dar continuidade aos estudos, fazer suas escolhas e não ficar às margens da sociedade. (GOUVEIA; SILVA, 2015, p. 752).

Esse é outro fato, portanto, em que se relacionando com a prática da leitura da literatura brasileira, nesse contexto, faz com que a mesma torne-se uma ferramenta

que atenderá às necessidades de todos os alunos, já que possibilitará que eles reflitam e tomem consciência de suas individualidades coletivamente.

Outro ponto interessante do artigo que as autoras abordam é em relação à redução da carga horária dos alunos de EJA, o que impossibilita uma formação ampla e igualitária. Dizem as autoras que “Com a carga horária reduzida faz-se necessário selecionar o conteúdo e muitas vezes essa seleção não é realizada de maneira consciente e crítica por parte do professor” (GOUVEIA; SILVA, 2015 p.754) Nesse sentido, o aluno deixa de ser o centro do processo formativo e cabe ao professor selecionar quais conteúdos devem ser trabalhados, sem falar que os alunos deixarão de aprender muitas outras coisas necessárias para uma formação subjetiva que lhes prepara para a cidadania.

A pesquisa, de cunho qualitativo, que as autoras trazem, foi feita por intermédio de questionário, aplicado a 23 alunos da rede estadual do Rio de Janeiro.

Fazendo uma análise geral das expectativas dos alunos da EJA, percebe-se que estes apresentaram baixa criticidade em relação às suas expectativas, pois todos eles apontam expectativas positivas. Com exceção de um aluno que não percebeu nenhuma mudança em sua situação atual, os outros não questionaram seu processo formativo, sobre o quanto ele está contribuindo ou não para que suas expectativas possam ser atingidas. Há então a presença de representações sociais acríticas ou ingênuas do aluno da EJA em relação a seu processo de formação educacional. (GOUVEIA; SILVA, 2015, p. 760)

Socialmente, a escola ainda é vista como o único local onde se aprende e entendida como difusora do conhecimento, e essa ideia é intensificada pelos alunos de EJA pois, para fazerem parte ativamente da sociedade precisam frequentar esse local. Entretanto, a qualidade daquilo que se aprende na escola não é levada em consideração. Os alunos da pesquisa sonham com empregos e futuros melhores, já que para eles a educação acarreta em um melhor posicionamento no mercado de trabalho, mas não conseguem enxergar que, muitas vezes as práticas pedagógicas estão volvidas de intenções outras, sendo uma delas a alienação para fazer aquilo que o Estado quer e, mais uma vez, o professor tem que tomar uma decisão, se irão contribuir com subsídios para uma formação crítica ou atender aquilo que as classes dominantes esperam.

O próximo artigo analisado tem por título “Práticas dos professores alfabetizadores da EJA: o que fazem os professores, o que pensam os seus alunos?” escrito por Andréa Tereza Brito Ferreira, Eliana Borges C. de Albuquerque,

Artur Gomes de Moraes e Josemar Guedes Ferreira. A pesquisa analisou práticas de alfabetização de professoras da EJA e a relação dessas com a aprendizagem dos alunos, no que se refere a apropriação da escrita alfabética. A preocupação com a alfabetização de adultos surgiu tardiamente no Brasil e, ainda hoje, existe uma escassa grade de propostas de escolarização voltada para esses alunos, assim como materiais didáticos inadequados, práticas de ensino baseadas apenas na codificação e decodificação de palavras, pautadas na memorização de sílabas sem uma construção reflexiva do sistema de escrita alfabética, além do contato escasso com os diferentes gêneros textuais que circulam na sociedade, materiais didáticos e práticas infantilizadas que não se adequam ao contextos destes alunos. Isso ocorre pois, a maioria das propostas de ensino, se relacionam com o ensino aprendizagem das crianças, além da falta de ênfase nos cursos de licenciatura para com essa área.

Apesar de ter havido um amplo debate, nas duas últimas décadas, sobre o ensino e a aprendizagem da língua escrita, observa-se que muitas escolas ainda continuam praticando um ensino de alfabetização limitado ao que se encontrava nas antigas cartilhas baseadas em métodos sintéticos e analíticos de ensino da leitura e da escrita [...] muitos professores de EJA continuariam praticando um ensino do sistema de escrita baseado no tradicional “método silábico” de alfabetização e desconsiderariam que os alunos adultos, por estarem há mais tempo inseridos em experiências de leitura e escrita, possuem conhecimentos diversos sobre a escrita alfabética. Muitas vezes, cria-se uma evidente contradição: leem-se e escrevem-se textos interessantes, mas o ensino da escrita alfabética não muda. Os professores desejam que o aluno seja “sujeito” de sua aprendizagem, que ele aprenda refletindo e construindo sua compreensão, mas propõem, no dia a dia, tarefas essencialmente mecânicas, como a cópia e junção de sílabas. (FERREIRA et al, 2013, p. 180).

Os autores confirmam o que já foi explorado no trabalho ao falar que a experiência dos adultos com a língua escrita é mais ampla do que a da criança, pois estão há mais tempo vivendo e interagindo com outrem. Concordo com Ferreira et al.(2013) quando falam que apesar desse maior contato com a cultura escrita, o adulto apresenta resistência para escrever a partir do seu próprio conhecimento, pois estão ciente de suas condições, já a criança é mais “atrevida” nesse processo.

O artigo adentra na importância e na valorização de se trabalhar diversos gêneros textuais no ambiente escolar, e uma das propostas deste trabalho foi analisar a obra literária brasileira “Vidas Secas” de Graciliano Ramos.

[...] as propostas de aprendizagem da língua materna que envolvem a compreensão dos diversos textos que estão presentes na

sociedade estreitam a relação entre a cultura escrita e a cultura escolar, tornando o processo de ensino-aprendizagem muito mais significativo para o aluno. É de notório saber que esses trabalhos trouxeram grandes contribuições para o ensino da língua materna, pois é sabido que uma prática de ensino na qual se privilegia mais a compreensão do que apenas a repetição e a memorização traz muito mais benefícios para a aprendizagem. (FERREIRA et al, 2013, p. 183).

O levantamento de dados foi realizado em duas turmas, respectivamente a turma da professora Marta, com alunos na faixa etária de 38 a 80 anos, e a turma da professora Rubinalva, com alunos na faixa etária de 18 e 55 anos. A professora Marta lia textos autobiográficos, uma vez que estava trabalhando a temática infância e juventude (textos significativos), e realizava reflexão e socialização das próprias experiências de vida dos alunos, assim como escrita e leitura de frases sobre a vida deles próprios. A professora Rubinalva optava por trabalhar com leitura e escrita de textos escritos por ela no quadro e textos presentes em livros. Ela pedia que os alunos lessem o texto do quadro, entretanto, quem acabava lendo era ela mesma, não havia variação de gêneros e ela fazia uso de textos infantis. Percebem-se algumas atitudes positivas em relação à prática das professoras, outras nem tanto...

Contudo, a análise das observações revelou que as alfabetizadoras possuíam uma abordagem de ensino da leitura e da escrita que distanciava os alunos das práticas sociais de leitura e escrita. A professora Marta proporcionava aos alunos momentos de leitura de textos significativos, como os poemas de autores consagrados (Casimiro de Abreu, Fernando Pessoa e Manuel Bandeira) e relatos biográficos produzidos por outros alunos da EJA. Já a professora Rubinalva realizava leitura de textos infantilizados e artificiais, característicos das cartilhas e livros didáticos tradicionais, o que limitava as experiências de letramento dos alunos. Em relação à alfabetização, ambas as professoras desenvolviam uma prática assistemática de alfabetização. A professora Marta priorizava a expressão oral e a construção e cópia de frases, para, a partir destas, desenvolver atividades sobre o SEA, mas de forma muito fragmentária. A professora Rubinalva utilizava os textos cartilhados para trabalhar famílias silábicas. Ambas ainda não aproveitavam o tempo pedagógico para promoverem atividades destinadas ao ensino sistemático do SEA. (FERREIRA et al, 2013, p. 194-195).

Agora, em relação ao que pensam os alunos, muitos disseram que havia desânimo por parte da maioria dos alunos ao frequentarem a escola, e que esse desânimo se relacionava a estarem trabalhando e estarem cansados. Quando perguntado por que voltaram a estudar, explicaram que gostariam de aprender a ler e a escrever, além de que acreditavam que a escola era o local que podia

proporcionar o que desejavam. Ficou nítido durante a leitura do artigo que os alunos queriam ter o contato com diferentes gêneros textuais, e que queriam apropriar-se da forma sistematizada na qual esses textos são escritos.

Os alunos dessa pesquisa não relacionaram suas dificuldades com leitura e escrita à prática das professoras, uma vez que parecem acomodados por sentirem-se excluídos socialmente e por acreditarem que quem ensina é detentor de todo saber. A escola, ao longo dos anos, sofreu mudanças significativas em relação ao processo de ensino – aprendizagem, mas esses alunos que tiveram que deixar a escola, muitas vezes, não estão cientes destas mudanças, e se culpabilizam pelo “fracasso” escolar, o que muitas vezes acarreta no abandono da escola.

Concluo essa análise ressaltando a necessidade em investimento na formação inicial dos futuros professores voltada para o ensino-aprendizagem de adultos, assim como a necessidade de um olhar sensível dos governantes na produção de propostas político-pedagógicas que atendam a esse público em específico.

Agora, irei analisar as duas produções selecionadas com os descritores “**literatura**” e “**brasileira**”. O primeiro artigo selecionado é denominado “Políticas públicas para a leitura e a literatura: o legado autoritário e a influência do mercado” escrito por Victor Hugo Adler Pereira e Mirna Aragão de Medeiros.

De imediato, o artigo fala que a constituição de 1824 explicita o direito de todos os cidadãos de frequentarem a escola. Cabe lembrar que os escravos não eram contemplados com esse direito, já que essa mesma carta constitucional não os considerava cidadãos, assim como aos seus descendentes. Os índices de alfabetização entre negros, escravos e forros, em uma avaliação divulgada em 1872, mostra que para 999 analfabetos 1 escravo era alfabetizado e de 0,6 mulheres escravas para 999.

O mero acesso à alfabetização, no entanto, constituiu-se numa questão política de consequências amplas, desde o século XIX, graças a uma medida governamental que continuaria em vigor até a promulgação da Constituição de 1988: a proibição do voto do analfabeto. As pressões da transformação imposta pelo desenvolvimento econômico entravam em contradição com as restrições à alfabetização do maior contingente de mão de obra, a população negra. E a proximidade da abolição da escravatura, que se anunciava nas últimas décadas do século XIX, motivou o crescimento das ações para oferecer um mínimo de formação

educacional aos escravos em algumas regiões do país. (PEREIRA; MEDEIROS, 2017, p. 294-295).

Nos anos de 1930, o país passa por um surto de modernização e uma nova perspectiva em relação à alfabetização se concretiza; não basta apenas o domínio da técnica da escrita, era necessário o estímulo de práticas de leituras mais complexas, o que nos dias atuais corresponde à concepção de letramento. E como já foi referido neste trabalho, a educação de modo geral, não só para alunos de EJA, deve ter como intuito que os indivíduos saibam empregar socialmente o que foi aprendido na escola no que diz respeito à leitura e à escrita, ou seja, é necessário que haja uma significação e não um ato mecânico ao pôr em prática o que foi aprendido no ambiente escolar, cabendo aos professores incentivarem estes alunos à emancipação para que saibam usufruir socialmente desses conceitos para não serem oprimidos.

[...] O ministro Gustavo Capanema foi responsável por várias medidas que demonstravam a preocupação do governo com as questões relativas à leitura no país, criando o Instituto Nacional do Livro (INL), através do Decreto-Lei nº 93, de 21 de setembro de 1937. Suas atribuições foram: a edição de obras literárias julgadas de interesse para a formação cultural da população, a elaboração de uma enciclopédia e de um dicionário nacionais e a expansão, por todo o território nacional, do número de bibliotecas públicas. Alguns intelectuais destacados, como Augusto Meyer, Sergio Buarque de Holanda e Mario de Andrade, estiveram à frente do INL durante o Estado Novo, mas não deram conta de todas as propostas iniciais para a instituição, priorizando a expansão das bibliotecas públicas. (PEREIRA; MEDEIROS, 2017, p. 296).

Foi Mario de Andrade, em sua passagem pelo Departamento de Cultura do Município de São Paulo, quem iniciou o movimento para a criação de bibliotecas públicas populares, com o intuito de disseminar o hábito da leitura, como contributo para uma população mais esclarecida e menos indiferente à vida nacional. Pereira e Medeiros (2017, p. 297) afirmam que:

[...] O sistema educacional reproduzia os abismos sociais que remontavam à escravidão, perpetuando os contrastes e as desigualdades entre educandos e educadores de diferentes níveis de renda, que se refletiam nos espaços destinados à educação e à cultura, dificultando a difusão da leitura.

Ressalto a necessidade da criação de bibliotecas em ambientes escolares, já que, em muitas ocasiões, os indivíduos não possuem conhecimento de como funciona uma “biblioteca” e, em outras vezes, as bibliotecas públicas encontram-se

nos centros das cidades, dificultando o acesso das pessoas que moram em áreas distantes. Quando Mario de Andrade difunde a ideia de criação de bibliotecas públicas, penso em qual seria o público que frequentaria esse espaço, já que muitas dessas pessoas que deveriam ser “mais esclarecidas e indiferentes à vida nacional” eram pessoas analfabetas. Ao ter uma biblioteca ou o contato com diferentes gêneros textuais no seio escolar e a mediação adequada de profissionais que entendam do assunto, a literatura brasileira torna-se ferramenta essencial no processo da constituição individual e subjetiva dos indivíduos; além de ser uma ferramenta estratégica se empregada nas salas de educação de jovens e adultos.

Em 1961, com intuito de ampliar o acesso à leitura, foi criado o Proler (Programa Nacional de Incentivo a Leitura) que tinha como meta a criação de uma rede nacional de unidades promotoras de práticas leitoras, de modo a que as práticas de leituras fossem além de textos e explorassem múltiplas linguagens como dança, cinema e pintura.

Foi criado, em 1967, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) que, de acordo com Pereira e Medeiros, (2017 p. 299) “[...] apesar de ter como ponto de partida as experiências dos educandos, tinha como meta prioritária prepará-los para sua inserção no mundo da produção, sem desenvolver a consciência crítica de suas relações com este [...]”. Fica nítida, segundo os autores, a precariedade dos programas que o governo fornecia para a população, que visavam apenas à formação de mão de obra barata e não a consciência de suas potencialidades e direitos. Nesse sentido, que faz emergir a pergunta: qual é a necessidade de se formar sujeitos pensantes que questionam quando se pode governar e privilegiar a si mesmos, de modo a manter-se sempre no poder?

Os autores concluem que no Brasil ainda persistem problemas relacionados com leitura e, em especial, a literária. Percebo que, historicamente, os programas que foram criados com o objetivo de propagar a leitura no país foram estruturados de maneira que, ao longo do tempo se deteriorassem ou que visassem a formação de pessoas acomodadas que fornecessem apenas mão de obra, uma qualificação mecânica própria para o trabalho. A escola, portanto, deve ser o local que contribua com a consciência crítica dos indivíduos, para que sejam seres capazes de escolher o que lhes convém e o que lhes agrega benefícios próprios, sem ser manipulado socialmente.

O próximo texto selecionado, com os descritores expostos anteriormente, chama-se “Literatura e ética: notas para um diálogo que não se acaba”, escrito por Rejane Pivetta de Oliveira e Ricardo Araújo Barberena. Trata-se da valorização das produções presentes em toda sociedade, não somente produções acadêmicas, e sim textos produzidos em todos os contextos sociais independentemente da classe social de seus escritores, como por exemplo, textos escritos por pessoas de áreas periféricas com sua diversidade estética devem ter visibilidade e não serem vistos com olhar preconceituoso pelo fato de serem escrito por pessoas carentes.

A literatura brasileira deve ser valorizada na sociedade brasileira, pois são produções marcadas com características próprias do nosso país. Se nós não evidenciarmos e tivermos orgulho das nossas próprias escritas, quem terá? Julgamos nossas produções e evidenciamos o que está fora do nosso país como sendo melhor e se não criarmos o hábito de empregar nossos textos literários em nosso cotidiano, eles irão desfalecer. Toda produção literária há que ser valorizada, independentemente de sua origem. Sendo assim, devemos atentar para a fala de Oliveira e Barberena (2017 p.13): “Um problema ético certamente se instala quando paradigmas supostamente universais são sobrepostos a contextos e referências marcados pela diferença, não assimiláveis aos padrões legitimados, sejam estéticos, sociais ou culturais”.

O artigo fala também da necessidade de romper com as distinções entre literatura popular e literatura erudita, pois todos devem ter acesso à literatura, independentemente de sua classe social. Oliveira e Barberena, (2017 p.18) argumentam que “[...]Se aceitarmos a hipótese de que a literatura nos humaniza, talvez seja possível darmos mais um passo: ela também nos transforma em seres reparadores [...]”. Concordo plenamente com essa premissa, já que esse trabalho analisou a obra literária brasileira “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, estabelecendo relações com os indivíduos de EJA, com o objetivo de que esses alunos enxerguem suas singularidades, assim como as das personagens da narrativa, para saírem de onde estavam e tornarem-se pessoas reparadoras de sua própria realidade; sair em busca, e considerar seus deveres, seria um desdobramento possível, mas não pré-posto.

Os autores finalizam falando da necessidade de se lutar por uma ética contemporânea da palavra, ou seja, a valorização de todas as produções literárias mesmo que não sejam escritas por pessoas renomadas, pois a palavra em si, tem

poder. Poder de expor aquilo que se sente. Poder de mudar realidades. Poder de emancipar os sujeitos.

Finalizo, analisando as 03 produções selecionadas com as palavras chaves **“leitura”** e **“mundo”**. O primeiro texto selecionado chama-se **“A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire”**, escrito por Ana Maria Araújo Freire. Já de início, ela diz que é necessário tratar nossas fragilidades e já ir construindo nossas qualidades (2015, p.292). Consigo relacionar essa premissa aos alunos de EJA que não tiveram a oportunidade de estudar no tempo previsto pela legislação brasileira, entretanto, a necessidade de encaminharem soluções para a vida lhes fizeram pessoas fortes que, apesar das dificuldades presentes, conseguiram estruturar seus passos a partir dos saberes que adquiriram fora do âmbito escolar: ao meu ver, esse movimento de conseguir viver com o básico do conhecimento sistematizado é uma qualidade magnífica.

O texto continua falando sobre Paulo Freire; seria inconveniente não abordar uma produção que fale sobre o mesmo. Freire foi um contribuinte essencial para a educação das classes populares no país e, por extensão, à educação de adultos. Suas obras são referências mundiais, e um dos principais objetivos deste trabalho foi enaltecer e importância e a valorização da literatura brasileira.

É essencial que os alunos de EJA saibam de sua importância para a sociedade e que apesar de seus conhecimentos serem construídos a partir do senso comum, são fundamentais para o funcionamento da sociedade na qual estão inseridos. Esses alunos devem buscar sua própria emancipação e a escola é um dos lugares que possibilitará que isso aconteça, é nesse espaço que terão contato e farão uso do conhecimento científico, porém, é sempre válido lembrar, que suas experiências cotidianas fazem parte de sua constituição como indivíduos únicos e singulares. Nesse sentido, todos os saberes cognitivos e humanistas (construídos a partir do contato com o próximo) devem ser valorizados e reconhecidos tanto pelos próprios alunos, quanto pelos professores. Nesse texto, Ana Maria Araújo Freire, deixa explícito que Paulo Freire também teve que buscar suas singularidades para que pudesse estar em constante transformação, ou seja, se constituindo a partir de suas experiências, conhecimentos e contatos com o próximo. Diz a autora:

Ao mesmo tempo, nessa procura da unidade forjada intencionalmente em si próprio pelas qualidades pessoais e

intelectuais, profissionais, éticas e morais, Paulo foi capaz de construir um diálogo para o saber e o conhecer absolutamente genuíno: dele com o mundo, através da análise das relações mais diversas entre os homens e as mulheres entre si, e com ele mesmo; desses e dessas com o mundo que os cercava; dele mesmo com a leitura da palavra escrita ou dita por ele e por outros e outras, como também pela observação e análise dos fenômenos sociais e da natureza. Pôde, portanto, nos oferecer uma teoria pedagógica que ultrapassou os muros da que necessita a educação escolarizada. Disse do mundo, ao dizer de si próprio. Disse do outro e da outra, ao dizer de si e do mundo. Nisso reside a sua compreensão e vivência da dialeticidade cognoscitiva e humanista. (FREIRE, 2015, p. 293).

No decorrer do texto, a autora continua falando de Freire e da forma que o escritor realizava a leitura do mundo, da pessoa, pensador e educador que o mesmo foi.

O segundo texto selecionado com os descritores “leitura” e “Mundo”, chama-se “Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo”, escrito por Paulo Gomes Lima. O trabalho fala das contribuições crítico-reflexivas que Paulo Freire deixou para a educação, de como seus pensamentos foram visionários.

Paulo Freire é atual porque, mais do que nunca, como educadores, precisamos revistar o status e o sentido de nossa ação interventiva na transformação social, considerando a situação histórica da humanidade, as estruturas sociais, a vida política, a vida econômica, as concepções de educação e escola, o perfil necessário de um educador libertador, dentre outros, pois a educação, quer em sentido amplo, quer em sentido específico, é um processo social. E, como tal, se dá num contexto de interações sociais, sendo uma das interfaces que possibilita entender a realidade social, formas de organização da sociedade e o modo como esses elementos influenciam a vida do indivíduo. Paulo Freire, inteirado da necessidade de uma ação consciente do papel da educação e da mobilização social, convida-nos a não somente refletir, mas a viver e a transformar os processos materiais da existência humana. (LIMA, 2014, p. 66).

A princípio, o artigo fala da importância da interação entre os indivíduos e que a partir deste contato com o próximo, o sujeito é capaz de reconstruir suas próprias ideias e ressignificá-las, onde a educação é uma ferramenta fundamental, pois pode despertar no homem a consciência crítica de si e do outro, no mundo. De imediato, o artigo se relaciona com o presente trabalho, já que a literatura brasileira no contexto educacional é um mecanismo que proporciona, principalmente aos alunos da EJA, a concretização de uma consciência crítica-reflexiva.

O trabalho de Paulo Gomes Lima enfatiza a importância do professor como agente facilitador no processo da construção crítico-reflexiva do aluno, onde ambos aprenderão, conjuntamente, por intermédio de uma construção de conhecimentos pautada no respeito e na tolerância, já que todos possuem algo a oferecer, havendo assim, uma socialização dos saberes que permitirá que os indivíduos envolvidos criem seu próprio posicionamento.

Freire propõe uma educação problematizadora, balizada pelo respeito, pelo diálogo e pela construção do conhecimento por meio de temas geradores da realidade, explorando-se a criticidade, a criatividade dos alunos, instrumentalizando-os para o exercício da cidadania propriamente dita, pois teriam como reivindicar sua libertação da opressão, do domínio ideológico de interesses sociais particularistas. O trabalho pedagógico, proposto por Freire, é revolucionário: não nega o conhecimento historicamente construído, mas enfatiza sua forma de explorá-lo na escola por meio da realidade dos sujeitos. Não enfatiza a indisciplina como ato de educação natural, mas salienta a manifestação do pensamento, como ato libertador dentro de espaços democráticos e éticos. (LIMA, 2014, p. 71).

Como já foi explicitado, o professor não deve formar reprodutores de seus ideais e, sim, ser o mediador que permita ao aluno criar seu próprio conhecimento, e ao utilizar textos literários brasileiros estará possibilitando que os alunos questionem-se e deem um novo significado para suas próprias práticas sociais buscando estratégias para deixarem de serem oprimidos socialmente.

A preocupação de Paulo Freire com a formação do homem para a cidadania no âmbito da escola era recorrente quanto ao domínio de todo o instrumental possível para o despertar do sujeito cognoscente. Assim, a ação pedagógica do educador se origina numa leitura de mundo, da realidade de sua turma, do conhecimento e das trocas entre os sujeitos cognoscentes. O professor, como ator social que também aprende ao ensinar, deve ter sempre em vista que o trabalho com a realidade envolve uma responsabilidade pontual: o planejamento de ações que favoreçam o desenvolvimento de seus alunos num movimento de ressignificação de conhecimentos. (LIMA, 2014, p. 69)

O último artigo analisado, ainda levando em consideração as palavras-chave referidas chama-se “Aprendizagem e desenvolvimento de jovens e adultos: novas práticas sociais, novos sentidos”, escrito por Patrícia Guimarães Vargas e Maria de Fátima Cardoso Gomes. O artigo tem como contribuições o aporte teórico de Vygotsky e Freire que enxergam o ser humano como um sujeito sociocultural, interativo e inconcluso, ou seja, os indivíduos estão inseridos em um meio social histórico e suas experiências se constituem e se modificam a partir do contato com o

próximo o que possibilita o desenvolvimento de novos conhecimentos e a construção de sua personalidade. No entanto, essas construções se modificarão constantemente ao longo da vida do indivíduo, uma vez que o mesmo está em constante interação o que o torna um ser inconcluso.

Assim como já foi abordado anteriormente, durante o trabalho, concordo com as pesquisadoras quando elas afirmam que

Na EJA, os jovens e adultos pouco ou não escolarizados – oriundos, portanto, de uma cultura não escolar –, ao ingressarem na escola, terão que se inserir e interagir com os modos de funcionamento particulares da instituição. Entretanto, o aprendizado desses sujeitos inicia-se muito antes de frequentarem a escola, uma vez que eles aprendem a lidar com as situações, as necessidades e as exigências cotidianas da sociedade contemporânea. Portanto, quando começam a estudar, já tiveram experiência com medidas, cálculos matemáticos, materiais impressos, língua materna falada, ferramentas de trabalho e equipamentos elétricos e/ou eletrônicos. (VARGAS; GOMES, 2013, p. 453).

Portanto, os jovens e adultos, ao estarem no contexto escolar, terão contato com uma forma científica de informação, o que não significa que eles não saibam empregá-las já que, socialmente, podem ter tido contato com diferentes técnicas; o que irá diferir após inserção na escola é que agora saberão os conceitos das atividades que realizavam antes de ocuparem esse espaço.

Para a realização da pesquisa, foram utilizados relatos das histórias de vida e práticas de leituras de uma turma de EJA iniciante no processo de alfabetização, em uma escola da rede pública de Belo Horizonte. A partir desses relatos, foi possível a construção de um discurso sobre suas formas de ser e estar no mundo e sobre suas práticas sociais, agora como sujeitos inseridos no universo da língua escrita.

As pesquisadoras, após coleta de dados, optaram por dar ênfase a alguns aspectos do desenvolvimento mental e cultural do aluno Antônio.

Nessa perspectiva, torna-se importante conhecer um pouco do processo de escolarização do estudante Antônio. Na época da pesquisa, ele tinha 44 anos, era casado e pai de três filhos (de 18, 21 e 22 anos) que já haviam concluído o ensino médio. Antônio se considerava pertencente à etnia negra e à classe média. Na idade de 12 anos, estudou durante um curto tempo em uma escola de zona rural do interior de Minas Gerais, onde vivia, porque trabalhava na lavoura com o pai desde os 8 anos de idade. Lá ele aprendeu a assinar seu nome. Desistiu de estudar porque chegava sempre cansado à escola, que era distante e funcionava no turno da noite, à luz de lamparina. (VARGAS; GOMES, 2013, p. 456-457).

Penso ser extrema importância trazer para esse trabalho uma história verídica, uma experiência de vida de um aluno de EJA, acarretando um maior entendimento de tudo que já foi exposto. E o essencial, são histórias do povo brasileiro. Antônio, como muitos brasileiros, teve que trabalhar e estudar e, infelizmente, o trabalho tornou-se prioridade, uma vez que teve que escolher entre frequentar a escola ou ajudar seu pai.

Antônio nos conta, também, que em sua infância nunca teve incentivo para estudar. A mãe faleceu quando ele tinha 2 anos de idade. O pai, que o criou com a ajuda da filha mais velha, era analfabeto. Tal como ocorreu com ele, a escolarização dos irmãos só se deu na fase adulta: uma irmã estudou até a 5ª série e duas concluíram o ensino médio. Entretanto, apesar do incentivo de Antônio, o irmão mais velho continua analfabeto. A esposa, que estudou até a 7ª série, foi quem o motivou a estudar para tirar a carteira de motorista, pois ele já sabia dirigir. Foi com esse propósito que, no ano de 2001, Antônio matriculou-se na escola da rede pública municipal de ensino onde esta pesquisa foi realizada [...]. (VARGAS; GOMES, 2013, p. 457).

Percebe-se, portanto que é comum que muitas famílias brasileiras de regiões rurais não terem frequentado a escola e/ou se frequentou foi por um período muito restrito. Antônio sentiu a necessidade de voltar a frequentar a escola (verifica-se que ele estava ciente de sua condição de analfabeto e do seu direito à educação) para tirar a CNH, ele já sabia dirigir, no entanto, era preciso saber ler e escrever para poder adquirir algo produzido socialmente e poder ter a posição de motorista na sociedade da qual faz parte.

No decorrer do texto, as pesquisadoras falam que Antônio consegue tirar a CNH. Antônio conseguia *ler o mundo*; depois que passou a frequentar a escola, foi capaz de realizar a *leitura do mundo* para que pudesse assim, usufruir de bens inacessíveis a quem não consegue ler e escrever.

Após o estudo dos artigos, fica visível que o letramento é essencial como prática alfabetizadora em salas de EJA, assim como, em toda modalidade escolar. Apesar das dificuldades que possam aparecer no processo de ensino-aprendizagem desses alunos como, por exemplo, a redução da carga horária, metodologias e materiais pedagógicos infantilizados, e o despreparo profissional para lidar com as especificidades dos mesmos, é de extrema importância que saibam empregar socialmente, no contexto cultural, social e econômico no qual

estão imersos, a leitura e a escrita, o sistema de decodificar – transformar os sinais gráficos em som- e codificar- transformar os sons da fala em sinais gráficos. Ou seja, não basta então, apenas saber ler e escrever.

Outro fato notável, após a análise dos artigos, é a necessidade de os professores valorizarem o que os alunos trazem de casa, da vida, suas expectativas e motivações que os impulsionaram a voltar à escola, para que, assim possam buscar estratégias e mecanismos visando fomentar suas subjetividades. Em pauta, a potencialização de práticas pedagógica, afim de que fomentem, também, perspectivas de emancipação.

Existe a necessidade de se oferecer diversos gêneros textuais, para jovens e adultos em sala de EJA, assim como a necessidade de frequentar espaços públicos como, por exemplo, as bibliotecas, para que tenham contato com diversas possibilidades linguísticas e saibam, posteriormente empregá-las. Historicamente, como observado, há um insucesso por parte de programas públicos quando o assunto são alunos de EJA, assim como, o despreparo de profissionais para atuar com os mesmos; acredito, portanto, que ao empregar a literatura brasileira no processo de leitura e escrita destes alunos, estaremos valorizando e difundindo a literatura brasileira e como uma possibilidade a mais de acesso desses alunos a conteúdos providos de significações uma vez que muitas dessas histórias carregam traços específicos do Brasil e ao mesmo tempo, esses alunos estarão ampliando a própria leitura de mundo.

Durante toda a pesquisa, senti muita falta de artigos que falassem sobre a literatura brasileira e de toda contribuição sua para com alunos de EJA. Acredito que, apesar de ser um tema que venha sendo visto com interesse por parte de pesquisadores, é um assunto que precisa ser visto e tratado com mais frequência, já que a formação de pessoas críticas, atuantes que saibam de suas potencialidades deve abranger a todos, independentemente se tiveram a oportunidade de estudarem ou não, no tempo previsto pela legislação brasileira, e um direito de todo indivíduo receber uma educação de qualidade que prepare para cidadania.

A pesquisa bibliográfica realizada pode fundamentar o que foi explicitado na Parte 1 do trabalho. Acredito que a mesma foi relevante e contribuiu com o esclarecimento de muitos conceitos empregados, tornando a compreensão e assimilação de todo o conteúdo mais eficiente, já que contou com aportes teóricos

recentes. Foi essencial para com os embates de minhas posições, sobretudo, fomentando outras questões que balizam minha formação, como professora e educadora.

8 ALGUMAS PALAVRAS... UM ASSUNTO INACABADO A SER [RE] LIDO.

Socialmente, em estudos críticos a que tivemos contato, durante o curso de graduação, consideramos que nossos governantes pouco contribuem para a área educacional de jovens e adultos. Quanto a nós, futuros ou já formados educadores, se esquecermo-nos quem são essas pessoas às quais este estudo refere, tidas e marginalizadas como analfabetas, ou não letradas, e não buscarmos práticas que visem dar visibilidade e que respeite suas subjetividades, fazendo com que se sintam lembrados, quem fará com que isso aconteça? Há a considerar que, muitas vezes, são pessoas que não têm noção clara de suas potencialidades e contribuições para sociedade da qual fazem parte.

Desde o início deste trabalho exponho que em minha graduação pouco foi visto sobre a educação de jovens e adultos, uma vez que o foco da graduação foi a educação infantil e o ensino fundamental; agora, depois de todo esse estudo, volto a enfatizar a necessidade do olhar sensível para com esses alunos por parte do governo, coordenadores de cursos e professores para que nós, futuros profissionais da área, tenhamos uma base teórica mais sólida e estejamos mais preparados para atuar em salas de EJA.

A literatura brasileira pode ser vista como uma ferramenta potencializadora no processo de leitura e escrita de jovens e adultos contribuindo com sua própria leitura de mundo, além de fornecer subsídios para que alcancem sua emancipação e saibam de sua subjetividade. É dever, portanto, da escola, fornecer diversos gêneros textuais e procurar práticas/metodologias que contribuam com o desenvolvimento integral destes alunos; assim estará preparando-os para viver socialmente, como pessoas que saibam de seus direitos e deveres.

Este é o meu primeiro trabalho acadêmico, relevante para mim, onde trago algumas contribuições sistematizadas para o mundo da pesquisa; nestas páginas, expus alguns conceitos que partiram e aguçaram meu ser durante os quatro anos de graduação; outros, aprendi com a vida; com o ato de ler o mundo; com minhas

vivências e experiência íntimas. Acredito que seja indissociável a vida particular da vida profissional/acadêmica, somos seres que nos constituímos a partir da interação e do convívio com o próximo, já que em todos os ambientes, estamos expostos e sujeitos a sempre aprender.

Nossa vida é uma colcha de retalhos, colorida, expressão oriunda de uma rápida conversa com minha orientadora Profa. Dra. Maria Rosa. Mas por que uma colcha de retalhos? Cada pessoa traz consigo vivências, que são re(e)mendadas e costuradas com muito zelo e passam a fazer parte da sua subjetividade. Agora, parando para pensar, relembro que minha avó fazia colcha com retalhos, para não descartar restos de tecidos; em cada pedacinho de pano que compunha integralmente a colcha, tinha uma história, pois, foi utilizado com um fim, e assim acontece com todas as pessoas.

Nós somos como colchas de retalhos, nos formamos e transformamo-nos diariamente, cada dia é um novo dia propício para que consigamos colorir e criar nossa própria colcha de retalhos - nossa vida. Temos em nós mesmos uma colcha de retalhos coloreável, onde podemos nos aquecer em alguns momentos e em outros, nos des(in)quietar, e isso só é possível se soubermos valorizar todos os saberes presente nossa condição de **ser**, humano, em sociedade, independentemente de sua origem. Todo ser humano é um mundo com infinitas possibilidades e conhecimentos a ser compartilhado; ao realizar este trabalho, minha colcha de retalhos, minha vida, foi impregnada de novas vivências e, posso dizer que minha colcha de retalhos, ganhou um novo retalho colorido, e que a qualquer momento pode ser colorido de novas cores, ou até, minha experiência nesse trabalho, pode aquecer e desinquietar outras pessoas a remendarem mais um pedacinho em sua própria colcha de retalho, em sua vida.

Tal como as palavras de uma poesia a des(in)quietar, em devaneios de *“Faz escuro mas eu canto, porque a manhã vai chegar”* do poeta Amadeu Thiago de Mello, na calada de uma *“Educação como prática da liberdade”*, por Paulo Freire (2011, p.41).

Canção para os fonemas da alegria

Peço licença para algumas coisas.

Primeiramente para desfraldar

este canto de amor publicamente.

*Sucede que só sei dizer amor
quando reparto o ramo azul de estrelas
Que em meu peito floresce de menino.*

*Peço licença para soletrar,
no alfabeto do sol pernambucano
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,*

*e poder ver que dentro dela vivem
paredes, aconchegos e janelas,
e descobrir que todos os fonemas*

*são mágicos sinais que vão se abrindo
constelação de girassóis gerando*

*em círculos de amor que de repente
estalam como flor no chão da casa.*

*Às vezes nem há casa: é só o chão.
Mas sobre o chão quem reina agora é um homem
diferente, que acaba de nascer:*

*porque unindo pedaços de palavras
aos poucos vai unindo argila e orvalho,
tristeza e pão, cambão e beija-flor,*

*e acaba por unir a própria vida
no seu peito partida e repartida
quando afinal descobre num clarão*

*que o mundo é seu também, que o seu trabalho
não é a pena paga por ser homem,*

mas o modo de amar – e de ajudar

*o mundo a ser melhor. Peço licença
para avisar que, ao gosto de Jesus,
este homem renascido é um homem novo:*

*ele atravessa os campos espalhando
a boa-nova, e chama os companheiros
a pelejar no limpo, fronte a fronte*

*contra o bicho de quatrocentos anos,
mas cujo fel espesso não resiste
a quarenta horas de total ternura.*

*Peço licença para terminar
soletrando a canção de rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:*

*canção de amor geral que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler.*

**Thiago de Mello
Santiago do Chile,
verão de 1964.**

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **Dezenove poemas desengonçados**. São Paulo: Ática, 1999.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 4.ed. São Paulo/RJ: Duas cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

DIAS, Maíra Tomayno de Melo; GOMES, Maria de Fátima Cardoso. **Práticas sociais de leitura em uma sala de aula de jovens e adultos: contraste em foco**. Educ. rev. vol.31 no.2 Belo Horizonte Abril/Junho 2015. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982015000200183&lang=pt
 > Acesso em: 26 ago 2018

FERREIRA, Andréa Tereza Brito, et al. **Práticas dos professores alfabetizadores da EJA: o que fazem os professores, o que pensam os seus alunos?** Educação em Revista, Belo Horizonte.v.29. n.03. p.177-198.set. 2013. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982013000300008&lang=pt
 > Acesso em: 29 ago 2018.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales (et. al.). 24.ed. atualizada. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v.14)

FRAZÃO, Dilva. **Graciliano Ramos: escritor brasileiro**. 2017. eBiografia: biografias de famosos, resumo da vida, obras, carreira e legado. Disponível em:
 <https://www.ebiografia.com/graciliano_ramos/>. Acesso em: 25 jul.2018.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire**. Cad. CEDES vol.35 no.96, p.291- 298, Campinas Maio-Ago 2015. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622015000200291&lang=pt
 > Acesso em: 20 ago.2018

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Direção, organização e notas Ana Maria Araújo Freire. 2.ed.rev. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOUVEIA, Daniele da Silva Maia; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da. **A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais**. Revista Ensaio, Belo Horizonte, v.17, n. 3, p. 749-767, set - dez 2015. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172015000300749&lang=pt
 > Acesso em: 27 ago 2018.

GRACILIANO Ramos site oficial do escritor Graciliano Ramos. **Biografia**. 2018. Grupo Editorial Record. Disponível em: < <http://graciliano.com.br/site/vida/biografia/>> Acesso em:25 jul.2018.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da leitura para leitura do mundo**. 6.ed. São Paulo. Editora Ática. 2004.

LAROSSA, Jorge. **Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas**. 4.ed. Belo Horizonte. Autêntica. 2003

LIMA, Paulo Gomes. **Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo**. Pro-Posições vol.25 no.3 Campinas Set./Dez. 2014. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000300004&lang=pt > Acesso em: 23 Agos 2018.

NACARATO, Adair Mendes; MENGALI, Brenda Leme da Silva; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglioni. **A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender**. Belo Horizonte. Autêntica, 2009. (Tendência em Educação Matemática)

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; BARBERENA, Ricardo Araújo. **Literatura e ética: Notas para um diálogo que não se acaba**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n.51, p 11-21. Maio/agos 2017. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182017000200011&lang=pt > Acesso em: 26 de Agos 2018.

PEREIRA, Victor Hugo Adler; MEDEIROS, Mirna Aragão de. **Políticas públicas para a leitura e a literatura: o legado autoritário e a influência do mercado**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 50, p. 293-310, jan./abr. 2017Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182017000100293&lang=pt#aff2 > Acesso em: 25 de Agos 2018.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre a educação de Adultos**. 16.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**.115.ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SOARES, Leôncio José Gomes; PEDROSO, Ana Paula Ferreira. **Formação de educadores na educação de jovens e adultos (EJA): alinhando contextos e tecendo possibilidades**. Educação em Revista Belo Horizonte, v.32, n.04, p.251-268 Outubro-Dezembro 2016. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000400251&lang=pt> Acesso em: 26 agos 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5.ed., 1ªreimpressão. São Paulo: Contexto 2018

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: Caminhos e descaminhos**. Revista Pátio. São Paulo, p. 96-100, 2004.

VARGAS, Patrícia Guimarães; GOMES, Maria de Fátima Cardoso. **Aprendizagem e desenvolvimento de jovens e adultos: novas práticas sociais, novos sentidos.** Educ. Pesqui. São Paulo, v. 39, n. 2, p. 449-463, abr./jun. 2013. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000200011&lang=pt
> Acesso em: 22 Agos 2018.

Aluna: Sandra Rosimar Passos

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Rio Claro,
2018.